

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Caderno da Cidade

Saberes e Aprendizagens

HISTÓRIA

7^o

ANO

ENSINO FUNDAMENTAL

2^a edição
revisada e atualizada

São Paulo | 2026



COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED

Lucimeire Cabral de Santana - *Coordenadora*

DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO – DIEFEM

Raphael Johnny dos Santos - *Diretor*

EQUIPE TÉCNICA – DIEFEM

Allan Cavalcanti de Moura
Amarilis Blois Crispino - *Estagiária*
Ana Carolina Porto Lemes
Bruno Carvalho da Silva Barros
Camila Oliveira Sandes
Catarina Maria dos Santos Castineiras
Eliana Sousa Santana
Erika Yukie Koshikumo - *Estagiária*
Francieli Araújo Guerra
Giseli de Oliveira Cardoso
Marcelo Alexandre Torres do Espírito Santo
Michele Ortega Gomes
Nelsi Maria de Jesus
Patrícia de Lucena da Silva
Paula Costa Vieira da Silva
Priscila Alexandre do Nascimento Pereira
Samira Novo Lopes
Sandra Salavandro Rodrigues
Shirlei Nadaluti Monteiro
Sueli Gomes Landim
Tiemi Okimura Kerr
Vanessa Figueira Santos de Freitas

EQUIPE TÉCNICA SME – HISTÓRIA

Allan Cavalcanti de Moura

REVISÃO E ATUALIZAÇÃO – 2ª EDIÇÃO

Allan Cavalcanti de Moura

CRÉDITOS 1ª EDIÇÃO

EQUIPE TÉCNICA SME – HISTÓRIA

Allan Cavalcanti de Moura

ASSESSORA TÉCNICA

Victor Doutel Pastore

ELABORAÇÃO

Allan Cavalcanti de Moura
Antônio Reis Júnior
David Capistrano da Costa
Gilson dos Santos
Larissa de Gouveia Fraga
Rosângela Ferreira de Souza Queiroz
Victor Doutel Pastore

REVISÃO DE CONTEÚDO

Allan Cavalcanti de Moura, André Freitas Dutra, Andreia Fernandes de Souza, Antônio Reis Júnior, Clodoaldo Gomes Alencar Junior, David Capistrano da Costa, Douglas Maris Antunes Coelho, Gilson dos Santos, Larissa de Gouveia Fraga, Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi, Rosângela Ferreira de Souza Queiroz

LEITURA CRÍTICA

Allan Cavalcanti de Moura, Aracele Florencio Bezerra, Darlan da Conceição Neves, Davi Silvestre Fernandes Martins, Douglas Rocha Constâncio, Evelise Zablonski Ferreira de Barros, Ewerton Talpo, Flávio Toshiki Imai Nishimori, Gabriela Freitas Saquelli, Izilda de Albuquerque Pinto, Luiz Carlos Pissamiglio Dias Barreiras, Marcia Regina Galvão, Mauro Soares da Rocha, Meiriele Nascimento Miranda, Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi, Sandra Zilda Santana Marques, Silvana Albadejo Garvi

Edição anterior:

1ª edição - 2024

Para consulta:

educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação.
Coordenadoria Pedagógica.

Caderno da cidade : saberes e aprendizagens :
História – 7º ano. – 2. ed. rev. e atual. – São Paulo : SME
/ COPED, 2026.

152 p. : il.

1. Ensino Fundamental. 2. Aprendizagem. 3. História.
I. Título.

CDD 372

Código da Memória Documental: SME25/2026
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Acesso: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Consulte também o Centro de Documentação da Educação Paulistana
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep

OLÁ, ESTUDANTE!

Ao receber os **Cadernos da Cidade: Saberes e Aprendizagens**, saiba que estamos juntos com você, dando continuidade a um processo que se iniciou no ano de 2017, com a publicação do Currículo da Cidade. Como você, provavelmente, já deve saber, trata-se de um trabalho colaborativo que, ao longo desse tempo, contou com a participação de professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e de especialistas de cada uma das áreas que compõe esta coleção: Ciências Naturais, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Matemática.

O Ensino Fundamental, etapa da Educação Básica da qual você faz parte, é um período de intensas aprendizagens. Em virtude disso, a proposta dos **Cadernos da Cidade** é ser mais um instrumento à disposição de seus/suas professores(as) e tem por objetivo potencializar conhecimentos importantes para sua vida em sociedade.

Assim como nos anos anteriores, este é um material consumível, ou seja, você poderá utilizá-lo para escrever, grifar, sublinhar, responder, anotar e destacar informações importantes durante as aulas em que os **Cadernos da Cidade** forem utilizados. Com isso, consideramos importante lembrar sobre a necessidade de conservação e de utilização consciente deste material, que pode servir como mais uma ponte entre os conhecimentos e saberes da sua escola, da sua cidade, do seu estado, do seu país e do mundo.

Os **Cadernos da Cidade** sempre farão mais sentido sob a orientação do(a) professor(a). Portanto, é importante que você, na condição de estudante, seja também um corresponsável pelas suas aprendizagens. Escola é lugar de aprender. Aproveite tudo o que esse ambiente pode lhe oferecer ao longo deste ano!

Por fim, desejamos que as sequências de atividades dos Cadernos da Cidade permitam que você aprenda, discuta, reflita, troque ideias, leia, resolva problemas, investigue, analise e, a partir de todas essas ações, produza outros conhecimentos indispensáveis à nossa vida em sociedade.

Bons estudos!

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Expansão Ultramarina: Trocas Comerciais e Culturais 6

ATIVIDADE 1 – Circulação e trocas de mercadorias, culturas e pessoas8

ATIVIDADE 2 – Tecnologia, saberes e o imaginário das Grandes Navegações 11

ATIVIDADE 3 – Os atrativos do “além-mar” 17

ATIVIDADE 4 – As viagens e as rotas de navegação 22

ATIVIDADE 5 – A África antes e muito além dos europeus 26

ATIVIDADE 6 – O “descobrimento” da América 34

UNIDADE 2

Povos Indígenas nas Américas 44

ATIVIDADE 1 – Diversidade indígena nas Américas 46

ATIVIDADE 2 – Vestígios do período pré-colombiano 53

ATIVIDADE 3 – Contatos e trocas culturais 60

ATIVIDADE 4 – Resistências indígenas na história 64

ATIVIDADE 5 – Luta e resistência indígena na atualidade 69

UNIDADE 3

Escravidão e Diáspora Africana no Brasil 74

ATIVIDADE 1 – A diáspora africana	76
ATIVIDADE 2 – O tráfico transatlântico de escravizados.....	78
ATIVIDADE 3 – Técnicas e saberes africanos no Brasil colonial	88
ATIVIDADE 4 – Resistências negras à escravidão	95
ATIVIDADE 5 – Palmares e os quilombos.....	105

UNIDADE 4

As Mulheres no Mundo Colonial: Cotidiano e Trabalho 116

ATIVIDADE 1 – Pensando a História	118
ATIVIDADE 2 – As mulheres da elite colonial.....	124
ATIVIDADE 3 – Sociabilidades, festejos, convivências e educação das mulheres	129
ATIVIDADE 4 – Mulheres guerreiras no passado e as lutas no presente	138

UNIDADE 1

Expansão Ultramarina: Trocas Comerciais e Culturais

PRIMEIRAS PALAVRAS

Durante os séculos XV e XVI, os contatos entre a Ásia, a África e a Europa tornaram-se muito mais intensos, devido ao processo que ficou conhecido como “Expansão Marítima” ou “Grandes Navegações”. Motivados pela busca por novos comércios lucrativos e pelo objetivo de expandir a fé cristã no mundo, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se ao mar, empreendendo diversas viagens marítimas entre os três continentes. Esse processo, de certa forma, integrou mundos muito diferentes entre si – como Portugal, Japão, Índias e Reino do Congo, por exemplo -, proporcionando maior contato e circulação de mercadorias, pessoas e culturas. Essas trocas comerciais e culturais foram importantes para a construção do mundo como conhecemos hoje. Também foi durante esse período que os europeus chegaram na América, território desconhecido para eles até então, mas habitado por muitos outros povos. Nas atividades desta unidade, procuraremos analisar como se deu esse processo, buscando compreender como os diferentes locais do mundo passaram a se integrar de forma mais intensa a partir da expansão marítima europeia.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Most_Accurate_Picture_of_Brazil_WDL_1110.jpg





Hondius, Hendrik (1597-1651).
A Mais Precisa Imagem do Brasil.
38x49cm. O mapa mostrando o
estado da Bahia. 1630. Coleção da
Biblioteca Nacional.

ATIVIDADE 1 – Circulação e trocas de mercadorias, culturas e pessoas

Durante os séculos XV e XVI, um dos principais objetivos dos europeus ao se lançarem ao mar era expandir suas rotas comerciais e estabelecer contatos com os lucrativos comércios do Oriente. Apesar de o local mais cobiçado ser o território onde hoje é a Índia, os portugueses alcançaram outros diversos e longínquos locais, por exemplo, o Japão.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 1 O documento abaixo é um biombo japonês, ilustrado com pinturas que retratam os primeiros contatos entre Portugal e Japão, no século XVI. Biombos são peças de decoração, muito utilizadas para separar ambientes nos espaços domésticos:



Biombo Namban, atribuído a Kano Naizen, Japão, c. 1570-1616.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Namban-15.jpg>



Recorte 1



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Namban-13.jpg>

Recorte 2

- a) Descreva a imagem do biombo, destacando os principais elementos que chamaram a sua atenção.

- b) No biombo, é possível identificar elementos dos continentes africano, europeu e asiático, fato que mostra as diferentes culturas em contato naquele momento. Cite, pelo menos, um elemento para cada continente.

- c) Considerando os recortes apresentados, que tipos de relações entre os povos são possíveis de identificar na cena? Cite pelo menos duas.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 2 Durante esses contatos na Expansão Marítima, um dos principais marcos foi a chegada de Cristóvão Colombo na América, no ano de 1492. Esse momento possibilitou o início de uma integração ainda maior do mundo, em um processo que envolveu trocas, mas também violência entre os diferentes povos envolvidos, mudando para sempre a história da humanidade. Leia sobre esse impacto no trecho a seguir, do historiador Felipe Fernandez-Armesto

“O ano de 1492 não só transformou a cristandade, como reordenou o mundo no seu conjunto. Até então, o mundo se dividia em culturas isoladas e ecossistemas divergentes. Em 1492, essa pauta milenar se inverteu com extraordinária brusquidão. A longuíssima história de divergência chegou praticamente ao fim, e a história do planeta conheceu uma nova era de convergência. Hoje, em todos os cantos do planeta que apresentam zonas climáticas semelhantes ocorrem formas de vida idênticas, colhem-se os mesmos cultivos, prosperam as mesmas espécies. Enquanto isso, entre povos outrora separados, a retomada do contato entrelaçou o mundo de tal modo que quase todos os habitantes da terra passaram a formar uma rede única de contato, comunicação, contágio e intercâmbio cultural. As migrações transoceânicas misturaram e espalharam as populações humanas pelo planeta, ao passo que os intercâmbios ecológicos transplantavam formas de vidas diferentes.”

Felipe Fernandez-Armesto. 1492: o ano em que o mundo começou. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.7-9.

- a) Você sabe o que significam as palavras “convergência” e “divergência”? Busque em um dicionário e registre os significados.

- b) Com base no texto, explique com suas palavras por que o ano de 1492 pode ser considerado um marco na história da humanidade.

ATIVIDADE 2 – Tecnologia, saberes e o imaginário das Grandes Navegações

Contatos e comércio entre os continentes, por meio de rotas de navegação, era algo que existia havia muitos séculos, principalmente através do Mar Mediterrâneo, que conecta a Europa, a África e a Ásia. Porém, ao longo dos séculos XV e XVI, os europeus passaram a fazer viagens marítimas de distâncias mais longas e por caminhos nunca tentados por eles, explorando o Oceano Atlântico. Você deve imaginar que, para tornar isso possível, seriam necessários instrumentos e técnicas de navegação bastante aprimorados.

1 No trecho a seguir são apresentadas algumas dessas tecnologias:

“A combinação entre as experiências adquiridas no Norte [da Europa] e no Mediterrâneo criou uma raça de marinheiros capaz de promover e aproveitar os avanços na construção de navios e nas técnicas de navegação. As novas exigências das viagens atlânticas, da mesma forma que ajudaram a aperfeiçoar a caravela, também contribuíram para a melhoria das técnicas de navegação. Já que os navios agora navegavam em águas desconhecidas e sem avistar terra, não serviam mais as velhas práticas da navegação estimada, e os portugueses passaram a observar os astros para medir as distâncias e determinar a latitude, fazendo uso de instrumentos utilizados havia muito pelos astrônomos em terra, o astrolábio e o quadrante. A bússola magnética facilitava aos navegadores a sua orientação e marcação da direção num mapa. Aqui também a experiência adquirida no Mediterrâneo foi aproveitada para as necessidades do Atlântico, pois a região mediterrânica produziu os primeiros mapas marítimos; e as habilidades cartográficas desenvolvidas, no final da Idade Média, tornariam possível cartografar um mundo em expansão.”

Adaptado de: John H. Elliot. A Conquista espanhola e a colonização da América. In: Leslie Bethell (Org.). História da América Latina, Volume 1: América Latina Colonial. São Paulo: Edusp, 1998, p. 139.

Identifique no texto cinco inovações ocorridas no tempo das Grandes Navegações no campo dos saberes e das tecnologias.



VAMOS PESQUISAR!

Você conhecia esses instrumentos? Por meio de uma pesquisa, complete a tabela abaixo, colando ou desenhando uma figura de cada elemento e anotando sua descrição:

Objeto/Saber	Descrição

ANÁLISE DE IMAGENS

- 2 Mesmo com as novas técnicas, lançar-se aos mares desconhecidos não era uma tarefa fácil. Em suas viagens, os navegadores enfrentariam inúmeros perigos e condições nada confortáveis nos seus navios. Por não saberem o que podiam encontrar nos oceanos, ilhas e territórios mais distantes, os europeus imaginavam e criavam diversas teorias sobre isso. Observe a carta náutica e a gravura abaixo, que mostra aspectos do imaginário da época:

Imagem 1:



Carta Náutica representando a costa de Portugal. Lucas Jansz Waghenaer, 1584.

Imagem 2:



Sebastian Munster, Cosmographia, 1544.

- a) Descreva a carta náutica e a gravura. Quais perigos estavam representados nesses documentos?

- b) Você consegue imaginar outros perigos, dessa vez reais, que podiam atingir os navegadores? Cite alguns exemplos.

- 3 Não eram apenas as gravuras e mapas que eram afetados por esse imaginário sobre o desconhecido. Desde os séculos anteriores, até momentos avançados do século XVI, supostos relatos de viagens e obras literárias descreviam esses novos mundos, reais ou imaginários, situados além dos oceanos. Veja dois deles nos próximos documentos. O primeiro é um trecho de *A Utopia*, obra literária muito influenciada pela expansão europeia, que apresenta uma ilha imaginária:

De uma parte e de outra, no espaço compreendido pela órbita do sol, [os navegantes] não viram senão vastas solidões eternamente devoradas por um céu de fogo. A terra infértil tinha como habitantes os animais mais ferozes, os répteis mais terríveis, ou homens mais selvagens que os animais. Afastando-se do Equador, a natureza se abrandava pouco a pouco; o calor é menos abrasador, a terra se cobre de uma ridente verdura e os animais são menos selvagens. Mais longe ainda, aparecem povos, cidades, povoações, em que se faz um comércio ativo por terra e por mar, não somente no interior com as fronteiras, mas entre nações muito distantes.

Adaptado de: Thomas More. *A Utopia*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000070.pdf>. Acessado em 22 maio 2024.

- a) Considerando a localização da Europa na Terra, o que acontecia ao se afastar desse continente, de acordo com o imaginário da obra?

b) Qual a percepção do autor em relação às terras distantes da Europa?

O segundo relato trata de uma viagem muito famosa, que provavelmente nunca aconteceu, mas foi considerada verdadeira pela população da época. Nele, é descrito o reino do preste João, um reino cristão no Oriente, ligado ao paraíso bíblico:

Esse imperador, o preste João, domina uma vasta extensão de terras, onde há muitas boas cidades e muitas ilhas grandes e largas, pois toda a terra da Índia está dividida em muitas partes [...] ainda que tudo seja muita mais barato na ilha do preste João, os mercadores, no entanto, temem a longa viagem e os perigos do mar daquelas partes, pois em muitos lugares do mar há grandes rochas de pedras imantadas, cuja própria natureza atrai o ferro.

Nos domínios do preste João, existem muitas maravilhas, entre elas o Mar Arenoso, formado de areia, sem uma gota de água. E ainda que esse mar não tenha água, contudo, em suas margens há bons pescados de uma espécie que não se encontra em outro mar, e tem muito bom sabor e são deliciosos de comer. A três jornadas desse mar há umas grandes montanhas, das quais sai um grande rio que vem do Paraíso. Está cheio de pedras preciosas, mas sem água. Flui pelo deserto até formar o Mar Arenoso, onde desemboca e morre.

Adaptado de: Susani Silveira Lemos França (org.). Viagens de Jean de Mandeville. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 229-231.

c) Por meio desse relato, é possível imaginar quais os motivos que levavam os navegadores a buscar os territórios distantes como as Índias, mesmo com tantos perigos?

d) Atualmente, a nossa sociedade também cria teorias e histórias, imaginando mundos e seres desconhecidos sobre algum outro lugar? Qual? Cite alguns exemplos dessas histórias.



ATIVIDADE PRÁTICA

Agora imagine que você é um artista do século XVI e foi contratado para ilustrar um livro sobre as viagens marítimas e os novos locais encontrados. Com base nos relatos estudados e no imaginário da época, faça um desenho sobre os territórios distantes da Europa.

ATIVIDADE 3 – Os atrativos do “além-mar”

De tudo que foi estudado na atividade anterior, podemos ter uma noção de que o mundo das navegações era bastante complicado. Considerando as dificuldades envolvidas nessas viagens e o imaginário da época, que representava os mares como perigosos, e os novos territórios como cheios de mistério, por que, afinal, os europeus buscaram fazer essas viagens? O que havia de tão interessante no “além-mar” e nas terras do Oriente, que pudesse valer esse grande risco?

- 1 O documento abaixo é o relato de um italiano, escrito após o português Vasco da Gama chegar ao território conhecido como as “Índias” pela primeira vez:

“(…) se quisermos descrever a verdade, não há dúvida de que Veneza alcançou tanta reputação e fama como agora encontra pelo tráfego e navegação contínua que acontecem, e pelas viagens, pois todos os anos traziam com suas embarcações mercantis uma grande quantidade de espécies, sem as quais seria muito difícil fazer com que todo o mundo com dinheiro (...) fosse a Veneza para comprar especiarias e outras necessidades (...) com esta nova rota para Portugal (...) não há dúvida de que os húngaros, os alemães, os flamengos, os franceses, e outros, (...) todos irão recorrer à versão de Lisboa por (...) fácil acesso, e também porque terão melhores negócios (...) Esta questão se dá porque as espécies que vieram para Veneza passaram por toda a Síria (...) e em todos os lugares pagaram taxas muito altas, e da mesma forma no estado veneziano pagaram taxas [também].”

Adaptado e traduzido de: I Diarii di Girolamo Priuli (Os Diários de Girolamo Priuli) - 1499-1512. APUD MURATORI, L.A. (Org). Rerum italicarum scriptores : raccolta degli storici italiani dal cinquecento al millecinqucento. Bolonha - Nicola Zanicheli. Città di Castello : S. Lapi. 1900, vol. 24, pt.3, nº2, p. 156 . Disponível em: <https://archive.org/details/p3n2rerumitalica24card/page/154/mode/2up?q=LISBONA> . Acessado em 23 maio 2024.

- a) Identifique no texto o que os europeus buscavam no Oriente.

- b) Qual pode ser o “novo caminho” citado pelo autor?

- c) Você já ouviu alguém da sua casa falar em “especiarias”? Se sim, em qual contexto? Troque essas informações com os colegas da turma.



ATIVIDADE PRÁTICA

Na imagem abaixo, é possível observar diversos produtos que despertavam o interesse dos europeus no Oriente:



<https://wikimedia.org/wiki/pedia/commons/>

- 1) Você consegue identificar cada um desses produtos? Qual a principal função deles? Discuta com seus colegas e tentem descobrir juntos o que é cada um. Anote abaixo.

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

- 3) Agora escolha uma das especiarias da ilustração e imagine que você vai apresentá-las aos seus amigos por meio da rede social. Crie um post sobre a especiaria escolhida, utilizando imagens e contando quais as suas funções, propriedades, sabor e origem. Você pode criar na própria rede social ou desenhar em seu caderno, conforme o modelo ao lado:
- 4) Além da alimentação, pesquise e descubra quais outros usos esses produtos tinham e quais outros produtos interessavam aos europeus no Oriente.



https://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A1fr%C3%A3o-da-terra#/media:Ficheiro:Curcuma_longa_tools.jpg

- 2 Apesar de as especiarias tornarem muito atrativas e lucrativas as viagens marítimas e o contato com a parte oriental do planeta, havia outros motivos, não apenas comerciais, para o movimento das Grandes Navegações. No documento abaixo, escrito por um religioso alguns séculos depois, temos contato com esse outro fator que impulsionou os europeus aos mares:

“Coisa muito sabida é que as Índias Orientais foram descobertas em tempo do invictíssimo e cristianíssimo rei de Portugal D. Manuel de grande memória: nas quais os portugueses conquistaram novos reinos e grandes províncias, ficando nelas a gloriosíssima bandeira da benéfica Cruz de Cristo Nosso Senhor. Isso para que tivessem notícia e verdadeiro conhecimento as bárbaras nações do mistério da redenção do gênero humano (...) o valoroso e prudente capitão D. Vasco da Gama (...) abriu bastantíssimo caminho para se efetuar a vontade do dito rei Rei D. Manuel, cujos santos intentos foram dilatar a aumentar a fé de Cristo Nosso Senhor e imprimir-la nos corações destas gentes (...) pregá-la e ensiná-la aos ignorantes, com zelo da salvação das almas, onde há uma multidão de gente que não sabe o verdadeiro caminho da sua salvação, em cuja conversão podem aproveitar muito, trazendo esta gente perdida ao rebanho das ovelhas de Cristo”.

Adaptado de: Frei João dos Santos. *Ethiopia Oriental e varia história de cousas notáveis do Oriente*, v. 1, Lisboa, 1891, pp. 25-26 e 28. Disponível em: <https://purl.pt/26732/4/>.
Último acesso em 26 jun 2024..

- a) Quem são as “bárbaras nações” mencionadas no texto? Por que você acha que ele as nomeia dessa forma?

- b) Afinal, qual seria o motivo de que fala o texto para a expansão marítima dos portugueses rumo ao Oriente? Escreva com suas próprias palavras.

- c) Em outros momentos da história e até mesmo no presente, ocorreram movimentos que seguem a ideia apresentada pelo frei no texto. Reflita e converse com seus colegas sobre isso e registre suas ideias.

ATIVIDADE 4 – As viagens e as rotas de navegação

Muitos foram os que se aventuraram pelos mares nesse período. Agora já conhecemos os motivos, as tecnologias de navegação, os perigos e os atrativos dos territórios longínquos. Porém, ainda não tivemos contato com as próprias viagens que ocorreram. Quais eram as condições que enfrentaram os navegadores? E para onde foram? Quais rotas marcaram a história desse período e expandiram o contato entre esses diferentes mundos?

- 1 Veja a seguir a descrição de algumas das principais rotas dessas viagens, que abriram caminhos e se tornaram marcos nesse movimento.

Cristóvão Colombo, 1492: Colombo tinha a teoria de que seria possível alcançar o Oriente, navegando em direção ao Ocidente, de modo a dar a volta no planeta. Porém, não contava que no meio do caminho havia outras terras, do desconhecido continente americano. Partindo da Espanha, sua expedição chegou às Antilhas, na região do Caribe, e voltou.

Fernão de Magalhães e Juan Elcano, 1519-1522: Primeira circum-navegação da Terra. Partindo da Espanha rumo a oeste, a expedição contornou a América pelo Sul, chegando nas Filipinas e continuando de volta à Espanha. Magalhães morreu no caminho e poucos tripulantes completaram a viagem, sob comando de Elcano.

Diogo Cão, 1484: Partindo de Portugal e seguindo pela costa da África, chegou ao Rio Zaire, através do qual era possível alcançar o Reino do Congo, no interior do continente. Os portugueses estabeleceram uma importante parceria comercial e diplomática com esse reino, abrindo caminho para o futuro comércio de escravizados naquela região.

Vasco da Gama, 1498: Seguindo a trajetória de Bartolomeu Dias, essa expedição foi a primeira a completar o contorno da África, chamado de périplo africano, e atingir as Índias. Saindo de Portugal, a esquadra de Vasco da Gama fez escala em Moçambique e depois seguiu para Calicute, onde encontrou o lucrativo comércio de especiarias.

Pedro Álvares Cabral, 1500: inicialmente com destino ao Oriente, a frota de Cabral desviou para o Oeste e seguiu até a América, alcançando a região de Porto Seguro, onde hoje é o Brasil. Depois, continuaram para as Índias e de lá voltaram para Portugal. Foi a primeira viagem portuguesa a chegar na América.

Bartolomeu Dias, 1488: Em busca de contornar o continente africano para chegar no Oriente, essa expedição foi a primeira a ultrapassar o Cabo das Tormentas, local de difícil navegação, por causa das tempestades e rochas na costa, onde vários navios naufragaram. Chegando ao Oceano Índico, a expedição retornou a Portugal. Foi o marco que abriu caminho para as futuras navegações atingirem o Oriente. Após essa viagem, o nome do local foi mudado para “Cabo da Boa Esperança”.

- a) Com base nas descrições, faça o traçado das rotas de cada uma das viagens no mapa abaixo. Utilize uma cor diferente para cada uma delas e não se esqueça de identificá-las na legenda!



- b) Qual foi o diferencial de cada uma das viagens em relação às outras? Ou seja, o que transformou cada uma em marco na história das navegações? Se necessário, pesquise um pouco mais sobre elas em sites e livros didáticos.

- 2 Leia no documento a seguir o relato de Antonio Pigafetta, um dos membros da tripulação de Fernão de Magalhães, sobre a viagem que participou a serviço da Espanha, com o objetivo de dar a volta ao mundo pelos mares:

28 de novembro de 1520

Na quarta-feira, dia 28 de novembro de 1520, saímos do estreito para entrar no grande mar, ao qual em seguida chamamos de Pacífico, e onde navegamos durante três meses e vinte dias sem provar nenhum alimento fresco.

Já não tínhamos mais nem pão para comer, mas apenas polvo impregnado de morcegos. A água que nos víamos forçados a tomar era igualmente pútrida e fedorenta. Para não morrer de fome, chegamos ao ponto crítico de comer pedaços de couro com que se havia coberto o mastro maior, para impedir que a madeira roçasse as cordas.

Escorbuto – Mas isto não foi o pior. Nossa maior desdita foi nos vermos atacados por uma enfermidade pela qual as gengivas incham a ponto de sobrepassar os dentes, tanto da mandíbula superior quanto da inferior. E os atacados por esta enfermidade não podiam tomar nenhum alimento. Morreram dezenove.

Adaptado de: Antonio Pigafetta. A primeira viagem ao redor do mundo. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 81-82.

Imagine que você também fez uma viagem dessas e precisa escrever um diário de bordo, para registrar como foi o percurso. Inspire-se em tudo o que estudamos nos documentos anteriores e elabore o seu relato de viagem. Lembre-se que o relato precisa trazer informações como:

- local de partida;
- local planejado de chegada e objetivos;
- rotas utilizadas;
- quanto tempo levou e como foi a viagem: quais perigos, obstáculos e condições enfrentaram;
- qual o resultado: local aonde chegou, o que encontrou lá;
- se o objetivo foi atingido.

Seja criativo!

ATIVIDADE 5 – A África antes e muito além dos europeus

Quando falamos do tema das Grandes Navegações, costumamos dar grande atenção à chegada dos europeus na América e ao contato com o comércio nas Índias. No entanto, esses foram só alguns dos acontecimentos do período. Durante muito tempo, a América sequer estava nos planos dos europeus. Na verdade, o continente em que se concentrou a maior parte das viagens, principalmente no século XV, foi a África. O contato entre europeus e africanos foi fundamental para a história do mundo moderno.



RODA DE CONVERSA

- Quais são as primeiras imagens que vêm à sua cabeça quando falamos em África nos tempos antigos? Como você imagina que eram as sociedades que viviam naquele continente? Será que eram parecidas ou eram povos com culturas muito diferentes? Discuta com a sua turma.

OS MAPAS E A HISTÓRIA

- 1 Um dos primeiros mapas que representaram o continente africano com contornos próximos aos atuais foi o *Africae Nova Escripio*, produzido pelo holandês Willem Janszoon Blaeu, no ano de 1638. Observe este mapa:



<https://www.loc.gov/resource/g8200.ct001455/>

Willem J. Blaeu. Africae Nova Escripio. 1638. EUA, Library of Congress.

- a) Baseado no que você estudou nas atividades anteriores e na data do mapa, o que pode ter permitido que o cartógrafo fizesse um mapa com essa precisão, próximo aos contornos e tamanho que consideramos hoje?

- b) Aponte quais elementos chamaram sua atenção no mapa.

- c) Quem são as pessoas retratadas nas laterais do mapa? Parecem ser todas iguais, do mesmo povo ou há diferenças?

- d) Como é representado o mar? E o interior do continente?

- 2 Retomando o mapa anterior, em sua parte superior estão representados os lugares que os europeus entendiam como os principais centros urbanos africanos, com os quais eles já haviam estabelecido contatos: Tanger, Ceuta, Alger, Tunis, Alexandria, Alcacer, Canárias, Moçambique e Forte de El Mina. Segundo alguns historiadores:

“O fato de estas cidades serem portos revela que na segunda metade do Século XVI, a Europa mantinha soberania na costa, porém, raramente ultrapassava os muros das feitorias. A África Negra está representada por dois centros, Moçambique e El Mina, ambas feitorias de comércio e de tráfico negreiro. [...] As cidades destacadas são aquelas que drenam as riquezas do interior, através de alguns dos principais rios do continente”

Adaptado de: Arlindo J. Charles; Lucilene A. C. de Sá. Cartografia histórica da África: Mapa cor de Rosa. Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, maio 2011, p.4.

Elabore uma hipótese sobre o que era responsável por sugar as riquezas do continente para as fortalezas representadas no mapa. Para onde ia a riqueza?

OS MAPAS E A HISTÓRIA

- 3 Um outro mapa do mesmo período mostra um ponto de vista diferente sobre a África. Elaborado em 1600, por Johan Bussemacher, com base no conhecimento que os europeus haviam adquirido após os primeiros séculos de contato com esse continente. Veja um destaque desse mapa:

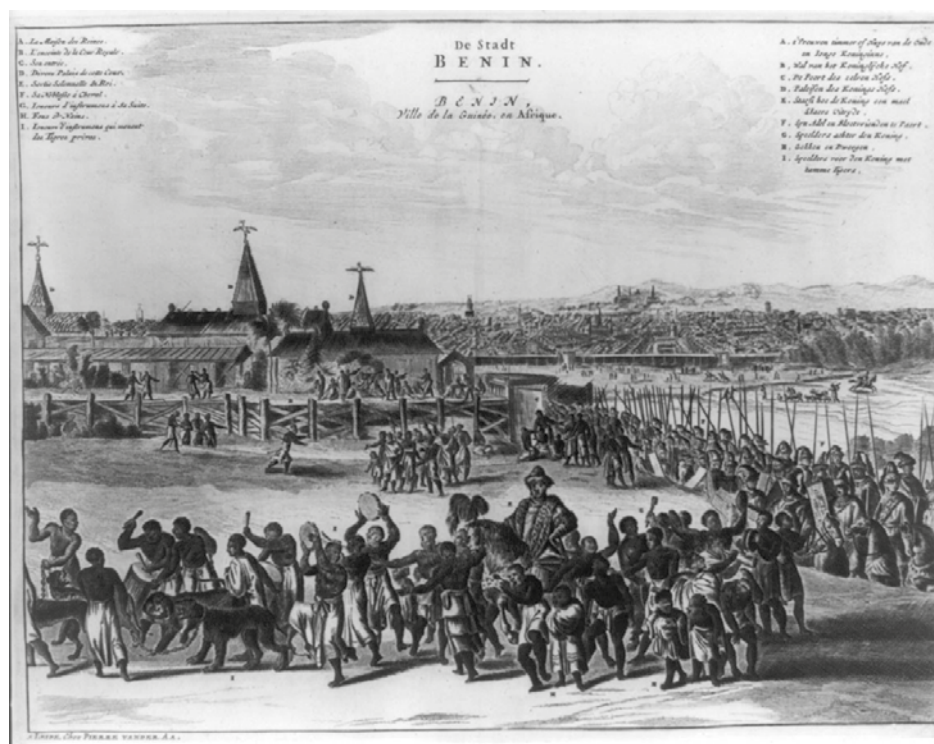


Johan Bussemacher. Aphrica, 1600.

Dessa vez, como foi representado o interior da África? Com base nisso, qual a principal diferença entre esse mapa e o anterior?

ANÁLISE DE IMAGENS

- 4 Um dos povos africanos que os europeus tiveram contato foi o Reino do Benin, na costa Oeste do continente. Nesses casos, ambas as partes travavam alianças e estabeleciam parcerias comerciais para obter mercadorias e escravizados. Em uma gravura do século XVII, o Reino do Benin foi representado dessa forma:



https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Arcoent_Benin_city.JPG

Gravura da cidade de Benin, publicada na edição francesa da Descrição da África de Olfert Dapper em 1668. (Disponível na Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravura e Fotografia LC-USZ62-30841 , Washington, EUA)



VAMOS PESQUISAR!

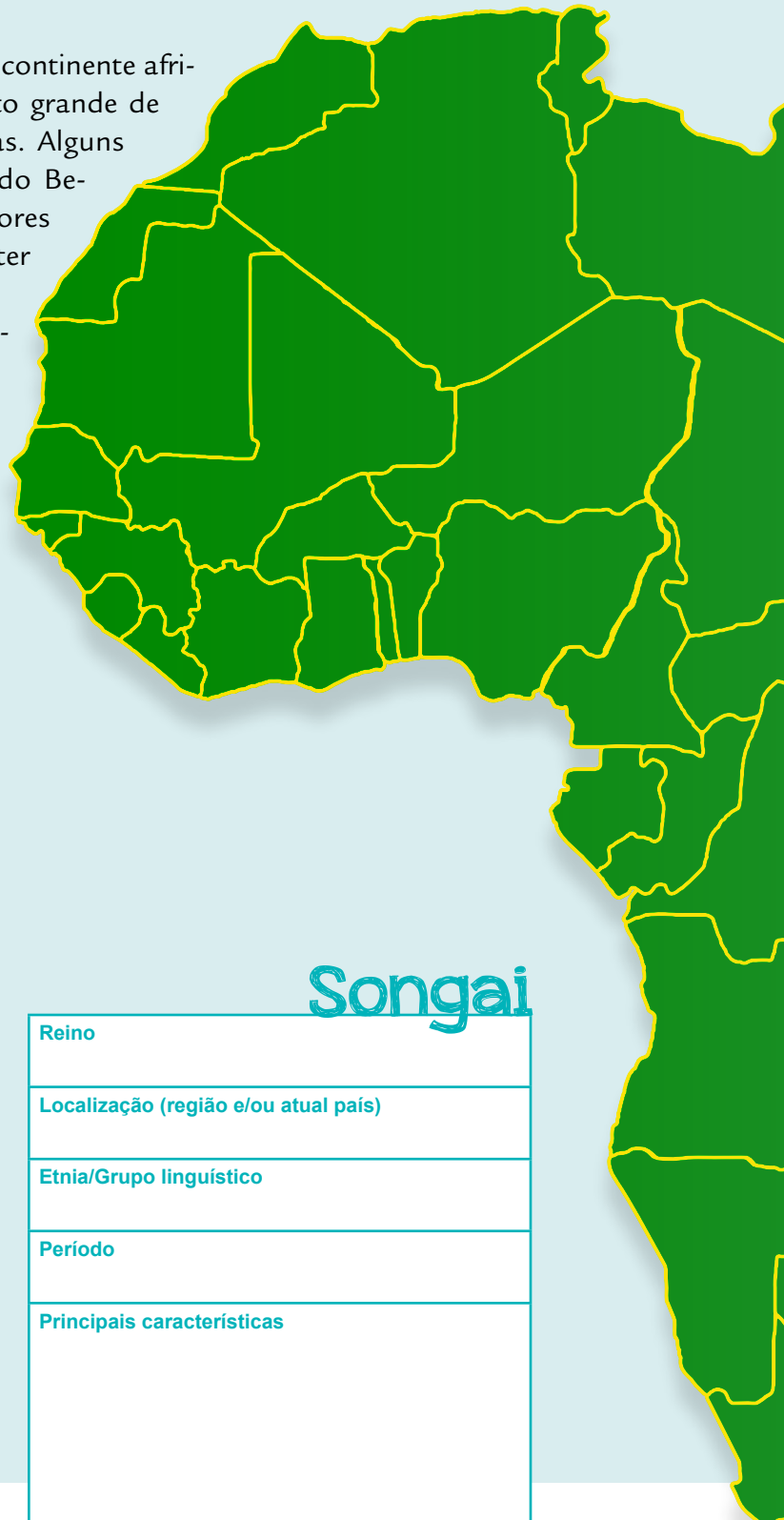
Segundo as pesquisas históricas, o interior do continente africano era habitado por uma diversidade muito grande de povos, com línguas e culturas muito distintas. Alguns eram grandes reinos, como vimos no caso do Benin. Outros eram pequenos grupos de caçadores e coletores, que plantavam apenas para manter a subsistência de seu núcleo familiar. Em grupo, faça uma pesquisa sobre um dos reinos listados a seguir, para completar os quadros:

Mali

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características

Songai

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características



Axante

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características

Congo

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características

Daomé

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características

Oió

Reino
Localização (região e/ou atual país)
Etnia/Grupo linguístico
Período
Principais características

- Agora compartilhe o que aprendeu sobre esses povos com seus colegas, em uma rodada de breves apresentações.

ATIVIDADE 6 – O “descobrimento” da América

Embora o grande objetivo inicial da expansão marítima provavelmente tenha sido atingir o Oriente, a chegada dos Europeus na América também representou um grande marco. O continente totalmente novo, aos poucos, foi integrado econômica e culturalmente no contato com os outros três.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 1 Veja o relato dos diários de Cristóvão Colombo, que acreditava ter chegado às Índias no Oriente, sobre as ilhas da América:

“[...] bem disseram os sagrados teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o Paraíso terrestre está nos confins do Oriente, porque é um lugar temperadíssimo. De modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente.

Vossas Majestades tornaram a enviar-me e, em curto espaço de tempo, afirmo, descobri, por mérito divino, trezentas e trinta e três léguas de terra firme, nos confins do Oriente, e setecentas ilhas com nome, além do que já havia sido descoberto na primeira viagem, e conquistei a ilha Espanhola, cujo território é mais extenso que a Espanha, onde os habitantes são inúmeros e todos pagarão tributo.

Quando descobri as Índias, disse que era o maior repositório de riquezas do mundo. Falei de ouro, pérolas, pedras preciosas, especiarias, com os comércios e as feiras [...]”

Cristóvão Colombo. Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 136, 168-169 e 196.

- a) Como Colombo descreve as novas terras? O que ele encontrou lá?

- b) Como Colombo se refere à sua chegada em terras desconhecidas por ele e pelos europeus? Qual a principal palavra que ele usa para esse feito?

- c) No segundo parágrafo, ele menciona que “os habitantes são inúmeros”. Essa afirmação contradiz a sua resposta no item anterior? Explique.

- 2 Quando investigamos os relatos e documentos do ponto de vista dos povos indígenas que habitavam a América, percebemos que eles entenderam de outra forma a descoberta de Colombo e Cabral. Leia a seguir o relato de Davi Kopenawa, um indígena do povo Yanomami, muito tempo depois, já no século XX, sobre esse tema:

Os brancos são engenhosos, têm muitas máquinas e mercadorias, mas não têm nenhuma sabedoria. Não pensam mais no que eram seus ancestrais quando foram criados. Nos primeiros tempos, eles eram como nós, mas esqueceram todas as suas antigas palavras. Mais tarde, atravessaram as águas e vieram em nossa direção. Depois, repetem que descobriram esta terra. Só compreendi isso quando comecei a compreender sua língua. Mas nós, os habitantes da floresta, habitamos aqui há longuíssimo tempo, desde que Omama nos criou. No começo das coisas, aqui só havia habitantes da floresta, seres humanos. [...] Nossos ancestrais a conheciam desde sempre. Ela não foi descoberta pelos brancos! Muitos outros povos, como os Makuxi, os Wapixana, os Waiwai, os Waimiri-Atroari, os Xavante, os Kayapó e os Guarani ali viviam também. [...]

“Nós descobrimos estas terras! Possuímos os livros e, por isso, somos importantes!”, dizem os brancos. Mas são apenas palavras de mentira. Eles não fizeram mais que tomar as terras das gentes da floresta para se pôr a devastá-las. Todas as terras foram criadas em uma única vez, as dos brancos e as nossas, ao mesmo tempo que o céu. Tudo isso existe desde os primeiros tempos, quando Omama nos fez existir. É por isso que não creio nessas palavras de descobrir a terra do Brasil. Ela não estava vazia! [...] Mas eu, sou filho dos antigos Yanomami, habito a floresta onde viviam os meus desde que nasci e eu não digo a todos os brancos que a descobri!

Davi Kopenawa Yanomami, *Descobrimos os brancos*. Tradução e edição de Bruce Albert, 1998. Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em <https://piib.socioambiental.org/pt/Sonho_das_origens/Descobrimos_os_Brancos>.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 3 Nos séculos seguintes, muitas obras de arte foram pintadas, retratando o momento de contato dos europeus com o novo continente. Veja duas delas, compostas respectivamente por Ivan K. Aivazovsky em 1892, e por Johannes Stradanus, em 1600:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ivan_AIVAZOVSKY_-_The_Disembarkation_of_Christopher_Columbus_with_Companions_on_Three_Launches_on_Friday_12th_October_1492_-_At_Sunrise_-_an_American_Island_Named_San_Salvador_by_Him_on_the_Very_Same_Day.jpg#file



Imagem 1

Ivan K. Aivazovsky. O Desembarque de Cristóvão Colombo em São Salvador, em 12 de outubro de 1492, 1892.

Imagem 2

Johannes Stradanus.
“Vespúcio descobre a América”. Novas Invenções dos Tempos Modernos (Nova Reperta), c. 1600.



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:New_Inventions_of_Modern_Times_-_Nova_Reperta_-_The_Discovery_of_America_-_plate_1_MET_DP84111.jpg

a) Descreva as duas obras, atentando-se também para os títulos.

b) Considerando que a obra de arte expressa um ponto de vista do artista, repleto de juízos de valor, não a verdade sobre o evento histórico, qual ideia essas obras pretendem comunicar? Explique.

c) Qual dos relatos dos exercícios anteriores as obras reforçam, o de Colombo ou o de Davi Kopenawa? Justifique.



ATIVIDADE PRÁTICA

Se você fosse produzir uma obra reforçando a outra versão, como seria? Faça um desenho em seu caderno ou descreva como seria essa nova imagem.

OS MAPAS E A HISTÓRIA

- 4 Durante e após o período das Grandes Navegações, os mapas mudaram radicalmente. Seja na forma de fazê-los, no conteúdo e no próprio objetivo do mapa. Veja abaixo dois mapas-múndi de diferentes épocas, um medieval e outro posterior a 1500:



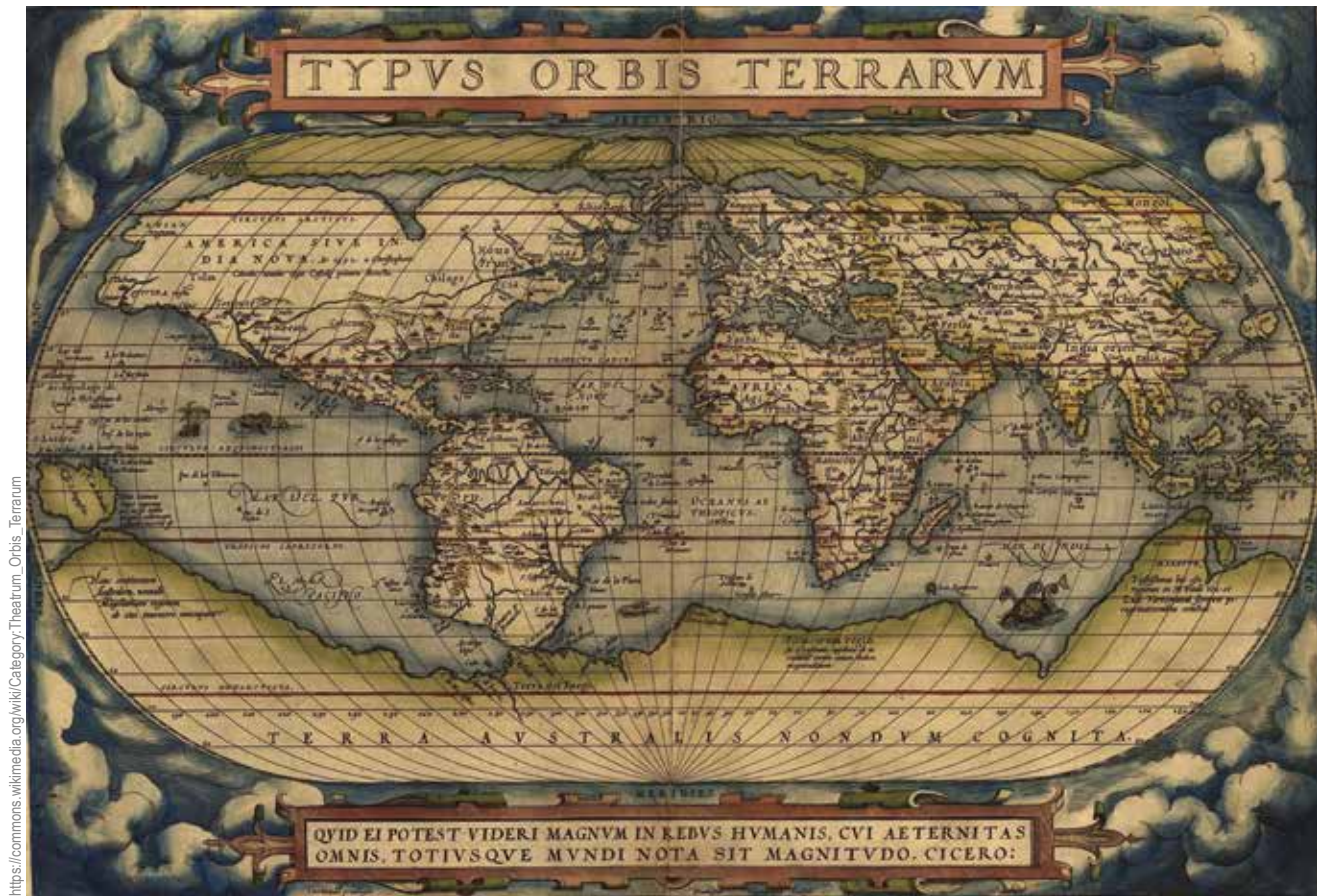
Mapa 1

Mapa de Psalter (1260): encontrado em uma das páginas de ilustrações de um livro de salmos do século XIII. Representa a perspectiva medieval, segundo a qual Jerusalém se situa ao centro do mapa (vale dizer, do mundo, uma vez que a Terra era o centro do mundo); no topo do mapa, abaixo do Cristo, cujos braços abertos guardam o mundo, o Paraíso Terrestre, de onde saem os principais rios do mundo - o Nilo, o Tigre, o Eufrates e o Ganges. Nota-se a presença de ícones bíblicos, tais como a Arca de Noé, a Torre de Babel, entre outros. O mapa é marcado pelo objetivo de ensinar os fiéis, não de fornecer uma localização geográfica precisa.

Adaptado de: Isabel Noronha. A corografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo. *In*: História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, fev. 2000.

Mapa de Psalter, Livro dos Salmos, 1260

Mapa 2



Abraham Ortelius, Typus Orbis Terrarum, 1570.

- a) Compare os dois mapas, destacando suas semelhanças e diferenças

UNIDADE 2

Povos Indígenas nas Américas

PRIMEIRAS PALAVRAS

Nas primeiras vezes em que chegaram ao continente americano, os europeus chamaram esse território de “Novo Mundo”. Isso porque, sob o olhar deles, tratava-se de terras desconhecidas e lugares não explorados. Havia toda uma fauna e flora que eles nunca tinham visto antes na Europa. Para eles, realmente era todo um mundo novo para explorar. No entanto, isso não significa que essa novidade era compartilhada por todos os seres humanos. Nessas terras, habitavam diversos povos que conheciam bem o solo que pisavam há muitos séculos. Estranho mesmo eram aqueles seres de pele branca que tinham aparecido no litoral com os seus grandes barcos. Quem eram eles? Como eram feitos os objetos que carregavam? Por que se vestiam diferente? Tais questionamentos estavam na cabeça dos povos nativos da América. Percebe-se que foi um momento histórico de estranhamento de ambas as partes - diversas culturas se encontrando e se chocando. Muitos desses encontros se deram de forma violenta, enquanto outros foram mais amistosos. É importante compreender essa complexidade que atravessou séculos, desde os anos 1500. Isso nos leva à seguinte pergunta, a ser estudada nesta sequência de atividades: como se deram os contatos entre as populações indígenas e não indígenas?

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/42/Sambaqui_Garopaba_do_Sul.jpg
SapienzaArqueologia/ WikimediaCommons/ CC-SA-BY 4.0





Sambaqui de grandes proporções localizado em Garopaba do Sul, Jaguaruna, Santa Catarina. Foto: Alexandro Demathé. 2022

ATIVIDADE 1 – Diversidade indígena nas Américas

O Continente Americano é um vasto território que se estende ao longo dos hemisférios Sul e Norte. Em termos de proporção, perde em tamanho apenas para o Continente Asiático. Possui áreas muito frias, como a Patagônia e o Alasca, e outras de temperatura mais quente, como o Caribe. Podemos encontrar florestas tropicais, desertos, montanhas, arquipélagos... ou seja, uma enorme diversidade de biomas e ambientes. Engana-se quem pensa que a América é homogênea. Assim como a geografia de suas várias partes é diferente, os povos que habitaram e habitam esses territórios também possuem enorme diversidade. Isso não significa que o ambiente determina completamente o modo de viver de uma cultura, mas que cada região impõe desafios distintos às sociedades que nela buscam sobreviver e se desenvolver.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 1 As imagens a seguir referem-se a algumas das populações nativas que habitavam o continente americano antes da chegada dos europeus, separadas por diferentes categorias: “Construções”, “Vestimentas e Acessórios” e “Objetos de Cultura Material”. Quais diferenças você consegue observar nessas fotos? Descreva um pouco sobre cada uma, destacando o que há de diferente em cada um desses agrupamentos.

Grupo 1 - Construções

- a) Moradia Kamaiurá, Alto Xingu (Contemporâneo)



b) Casa Esquimó/Inuit (1824)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Esquimaux_building_a_snow-hut.jpg



c) Pirâmide Maia de Kukulcán (Séculos VI-XII)

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/77/Chid%C3%A9n_liz%C3%A1_piramid.jpg



Grupo 2 - Vestimentas e Acessórios

a) Tanga, Império Inca (900-1400 d.C.)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cultura_Chancay_-_Fragmento_de_tanga_com_representa%C3%A7%C3%A3o_de_aves.jpg



b) Máscara Tikuna (1945)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A1scara_Tikuna_MN_07.jpg



c) Casaco Inuit (1926)

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1%3C3%B8j_til_kvinde_fra_inuit_i_Nor-dalaska_-_Woman%E2%80%9Ds_clothes_from_inuit_in_northern_Alaska_\(15331621465\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1%3C3%B8j_til_kvinde_fra_inuit_i_Nor-dalaska_-_Woman%E2%80%9Ds_clothes_from_inuit_in_northern_Alaska_(15331621465).jpg)



Grupo 3 - Objetos de Cultura Material

a) Boneca Carajá (1939)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Boneca_Karaj%C3%A1_MN_02.jpg



b) Pedra do Sol ou “Calendário Asteca/Maia” (c.1500)

<https://search.creativecommons.org/photos/69c158d5-e47e-4e-c6-9ebb-ab6c973616b8>





RODA DE CONVERSA

Agora, forme uma roda com a sua turma para compartilhar suas impressões sobre cada elemento do exercício anterior. Em seguida, seu professor ou professora vai contar a história do elemento para comparar e aprofundar o conhecimento com a turma.

- A partir dessa variedade de objetos, vestimentas e construções, fica claro que aquilo que costumamos chamar de “indígenas”, na verdade, consiste em uma pluralidade muito grande de povos. Cada um deles com suas próprias culturas, suas ferramentas, suas formas de construir, de produzir, de se vestir, de morar... enfim, de viver suas vidas. Alguns assemelhavam-se mais com outros, mas também havia culturas que se distinguiam bastante umas das outras. E muitos deles ainda vivem nos dias de hoje, em diferentes partes da América.

- 2 Agora vamos localizar os povos indígenas que conhecemos, por meio das imagens ao longo do continente americano. Faça uma busca sobre eles para descobrir onde viveram ou vivem. Em seguida, identifique esse local no mapa abaixo, marcando o número das imagens na posição geográfica aproximada:



ATIVIDADE 2 – Vestígios do período pré-colombiano

Um elemento que diferencia os seres humanos do restante dos animais é que somos criaturas sociais, vivendo e criando nossas culturas coletivamente. Ao longo de sua trajetória de vida, os seres humanos se transformam e modificam também o ambiente à sua volta. O conhecimento adquirido pelas sociedades é passado de geração em geração, a partir da linguagem, o que só é possível por vivermos em comunidades que construíram uma série de valores culturais em comum. Nesse processo de transferir conhecimentos e valores, surgiram diversos vestígios da cultura material: artefatos, desenhos, monumentos, entre outros objetos que podem revelar a interferência da humanidade na natureza. Evidencia-se, assim, um elemento criador no ser humano ao longo de sua história. Quando os europeus chegaram à América, os grupos nativos não estavam congelados no tempo, mas em constante criação e transformação. Nesta atividade, veremos algumas de suas obras, para identificar um pouco de seu modo de vida.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 1 Começaremos pelas pinturas rupestres. Pouco se sabe sobre elas, mas muitas podem ter sido feitas há milhares de anos. Sabe-se, também, que não houve um único grupo que fazia esse tipo de arte. Diversos povos adotaram o costume de gravar suas representações nos locais por onde passaram, criando condições para que sua marca fosse preservada no tempo. As razões específicas para fazerem isso ainda são objeto de debates. Podiam ser parte de algum ritual ou funcionar como registro histórico dos eventos e costumes de suas comunidades ou, quem sabe, apenas servir para decorar o ambiente. Enfim, muitas são as hipóteses e os pesquisadores dedicam grande parte de seu tempo estudando-as. Observe as pinturas a seguir e depois responda às questões:

Imagem 1



Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí

Imagem 2



https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Pintura_rupestre_no_Parque_Estadual_Cerca_Grande.jpg | Kunzendorff/Wikimedia Commons/CC-SABY 3.0

Cerca Grande, Matozinhos (Minas Gerais)

Imagem 3



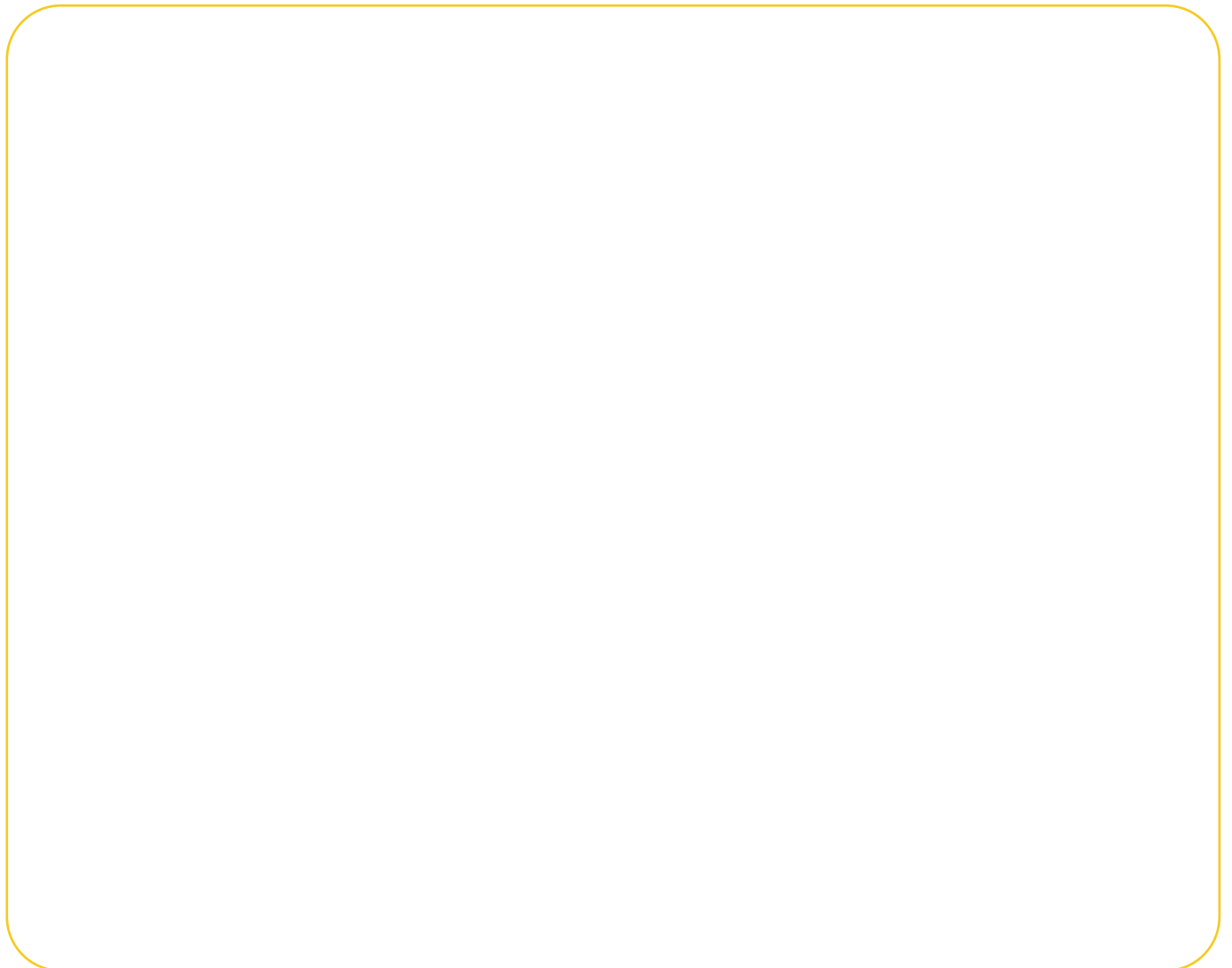
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parque_Nacional_de_Sete_Cidades_-_Piau%C3%A7%C3%A1_-_Pinturas_rupestres.jpg

Parque Nacional Sete Cidades, Piracuruca (Piauí)

- a) Descreva o que você consegue perceber nas imagens. Quais as diferenças e semelhanças entre elas?

- b) Como você imagina que era a vida dessas comunidades? Elabore algumas hipóteses, levando em consideração as imagens apresentadas.

- 2 Se você fosse desenhar uma pintura rupestre para deixar marcas sobre o seu cotidiano, como ela seria? Quais elementos do seu dia a dia você acha importante registrar? Utilize as imagens como inspiração e construa a sua no box a seguir. Depois, compartilhe com seus colegas!



CULTURA MATERIAL

- 3 Apesar das pinturas rupestres serem os vestígios históricos mais famosos de povos antigos, não foram apenas elas que sobreviveram ao tempo. Houve também, por exemplo, esculturas em pedra, chamadas de “zoólitos”, encontradas em regiões de sambaquis. Os sambaquis eram estruturas monumentais formadas por camadas de conchas e terra. Não se sabe ao certo o motivo pelo qual foram construídos, mas podemos encontrar uma série de objetos nesses locais, representados nas imagens. Esses vestígios foram produzidos por culturas que viveram há cerca de 8000 anos atrás! Observe-os:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Zo%C3%B3litos_em_forma_de_ave_MN_01.jpg



. Zoólito em formato de peixe. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Zo%C3%B3lito_em_forma_de_peixe_-_Sambaqui_de_Santa_Catarina_MN_01.jpg



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Escultura_de_pedra_em_forma_humana_MN_01.jpg



- a) Esses zoólitos representam seres vivos. Você consegue identificar e descrever cada um deles? Pense também como deve ter sido o processo de confecção desses objetos.

- b) Pesquise no vídeo, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=7YT0rg75X6U>, sobre os sambaquis, com especial atenção para as imagens e fotos. Em seguida, descreva-os com suas próprias palavras. Você já viu algo parecido com isso?



- c) Agora, faça um exercício de imaginação: qual a sua hipótese para uma comunidade ter criado os sambaquis e os zoólitos? Compartilhe as respostas com a turma.

- 4 Um outro tipo de vestígio histórico muito estudado são os objetos de cerâmica. Suas funções podiam ser diversas: recipiente para objetos simples, armazenar comidas e líquidos, utensílio para refeições e até guardar corpos humanos mortos. A cerâmica apresenta também uma infinidade de formas e cores. Mesmo quando quebrados, os objetos de cerâmica podem ser restituídos a partir de seus cacos, fato que é muito valioso para os arqueólogos e pesquisadores.

Todas as imagens a seguir representam uma cultura cerâmica distinta, produzida antes da chegada dos europeus à América. Foram encontradas em diferentes regiões e confeccionadas a partir de técnicas específicas. Apesar disso, também podemos encontrar muitas semelhanças, o que sugere contatos entre os povos de diversos locais. Afinal, as sociedades nativas da América não estavam isoladas umas das outras, mas também trocavam objetos, saberes e experiências uns com os outros. Observe alguns desses objetos de cerâmica:



VAMOS PESQUISAR!

Será que os objetos de cerâmica eram fáceis de fazer? Ou demandavam técnicas e instrumentos complexos? Em grupo, procure saber como é criado um vaso de cerâmica e escreva as etapas desse processo.

- Após conhecer um pouco dessas culturas, podemos concluir que os povos da América estavam a todo o momento criando e recriando novas coisas, desenvolvendo sua cultura e transformando seus modos de vida a partir do contato com outras sociedades. Não estavam parados no tempo. Havia uma vida dinâmica nesses territórios. Impérios caíam, outros se reerguiam. Ora guerreavam, ora estabeleciam alianças e tratados, além de realizarem comércios. O que será que mudou com a chegada dos europeus na América? Quais são as dinâmicas desse novo contato?

ATIVIDADE 3 – Contatos e trocas culturais

Normalmente ouvimos falar muito de como os não indígenas modificaram o estilo de vida dos indígenas após os primeiros contatos na América. Porém, podemos pensar a partir do caminho contrário: será que os europeus não mudaram seu modo de vida após o contato com os indígenas?

PENSANDO A HISTÓRIA

- 1 Para refletir sobre essa questão, leia o trecho abaixo, da historiadora Berta Ribeiro:

“O saber vegetal ameríndio tem base na experiência milenar de acertos e erros levada a cabo por gerações. Ele deu lugar a conhecimentos de manejo agrícola, que culminou na domesticação das plantas. Intervêm nele, como fatores essenciais, a variação climática, a composição química dos solos, sua textura e a presença ou a introdução de nutrientes necessários à vida das plantas. O cultivo e a proteção genética de inúmeras espécies foram direcionados por práticas de interação harmônica com outras espécies da flora, com espécies da fauna e com o homem, deixando vingar, sem discriminações, todas as formas de seres vivos. Assim se explica a diversidade biológica, quase intacta e quase desconhecida, nas regiões tropicais habitadas por remanescentes indígenas no Novo Mundo. Essa biodiversidade é tida hoje como um dos tesouros patrimoniais mais importantes da humanidade”.

Adaptado de: Berta G. Ribeiro. Ao vencedor, as batatas: plantas ameríndias ofertadas à humanidade. *In: Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 31, n. 1-4, 1991, p. 99-100.

Os frutos que conhecemos do continente americano foram se transformando ao longo dos séculos, através de muitos aprendizados indígenas sobre seus plantios, de modo a se tornarem mais rentáveis para o consumo. Em uma colheita, selecionavam-se os melhores frutos, e os piores eram descartados. Isso, ao longo de muito tempo, fez com que apenas nascessem aqueles que eram considerados os melhores. Trata-se de um processo chamado de “Seleção Artificial”, que culminou na domesticação de vegetais e plantas. Pergunte ao seu professor de Ciências e/ou pesquise como funciona esse processo de Seleção Artificial. Descubra também alguns alimentos que passaram por esse processo. Anote a sua pesquisa a seguir.

3 Levando em consideração as reflexões dessa tarefa, responda:

a) O indígena deixa de ser indígena por usar outras coisas e adotar outros costumes que originalmente não pertenciam a sua tradição cultural? Por quê?

b) Relacione a resposta da pergunta anterior com as cenas representadas nas duas imagens a seguir:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Prospecto_das_casas_das_%C3%ADndias_de_Monte-Alegre_oude_fazem_as_cuias_da_Cole%C3%A7%C3%A3o_Brasilliana_Iconogr%C3%A1fica.jpg



José Joaquim Freire. Casa das Índias de Monte Alegre, onde fazem as cuias, 1785.



<https://leamad.fich.usp.br/sites/leamad.fich.usp.br/files/2018-01/magens%20para%20entregar%20aos%20alunos.pdf>

Fotografia de Antonia Terra. Casa do Cacique Miguel, 2011.

ATIVIDADE 4 – Resistências indígenas na história

Do mesmo modo que as populações indígenas eram distintas entre si, os primeiros contatos com os europeus também se deram de diversas maneiras. Houve trocas comerciais, guerras, conflitos e alianças.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 1 Leia o trecho a seguir, da historiadora Maria Regina Celestino de Almeida, sobre a complexidade do contato entre esses dois grupos:

No século XVI, a dependência dos portugueses em relação aos indígenas era praticamente total e a política de alianças era indispensável. As capitanias bem-sucedidas tiveram apoio dos indígenas e as demais fracassaram, principalmente devido aos seus ataques. A superioridade tecnológica das armas europeias não é absolutamente suficiente para explicar a vitória de um punhado de portugueses contra milhares de povos guerreiros, principalmente se levarmos em conta as limitações técnicas da época. A conquista do território só se explica pelas alianças que os portugueses puderam estabelecer com os indígenas.

A escolha de São Vicente como núcleo inicial de colonização baseou-se, principalmente, na cooperação segura e confiável dos tupiniquins, liderados por Tibiriçá, sob a forte influência de seu genro João Ramalho. Este era um degredado português, que alcançara posição de destaque

e liderança entre os tupiniquins, graças ao casamento com a filha do grande chefe Tibiriçá. Sua presença, com certeza, garantiu aos portugueses a segurança necessária para dar início ao povoamento português. Os indígenas, por sua vez, passaram a contar com poderosos aliados nas guerras contra os seus próprios inimigos.

Adaptado de: Maria Regina Celestino de Almeida. Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.48-49.

- a) A partir desse fragmento, é possível dizer que todos os povos indígenas resistiram e lutaram contra os portugueses? Justifique.

- b) A partir do texto, o que podemos concluir sobre as relações dos indígenas com os não indígenas? Houve só uma forma de contato?

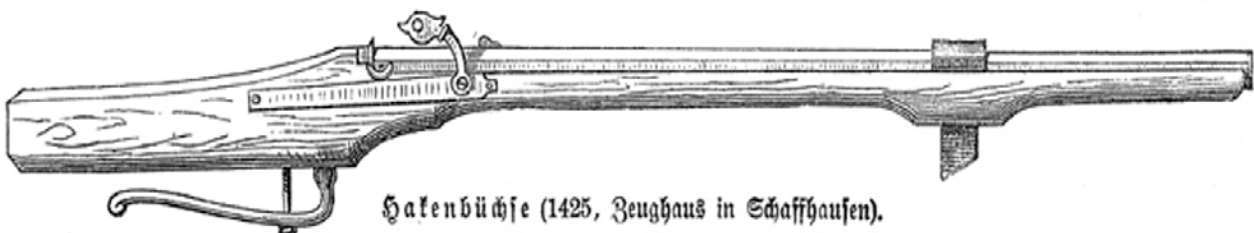
- c) Por que, nas alianças citadas no texto, os indígenas eram importantes para os portugueses? E o que os portugueses poderiam dar em troca para os nativos?

- d) Pesquise e descubra quem eram os “degredados”, grupo citado no texto. Qual foi a importância deles nos primeiros contatos entre indígenas e europeus?

Dizer que houve alianças com os nativos da América não significa dizer que tudo foi pacífico. Houve também violências contra as populações indígenas e muitos foram mortos em guerras. No entanto, houve também resistência por parte deles. Muitos pegaram em armas e conseguiram deter temporariamente o avanço das populações europeias. Algumas das capitanias portuguesas foram derrotadas nesse processo.

CULTURA MATERIAL

- 2 Costuma-se dizer que as armas de fogo foram importantes nesses combates, definindo a vitória para os europeus. Mas será que elas eram uma tecnologia tão superior assim? Observe um dos principais armamentos europeus, o arcabuz, e leia sua definição:



<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arcabuz#media:Ficheiro:Hakenbuechse.png>

Arcabuz, séculos XV-XVII.

Arcabuz: arma portátil dos séculos XV a XVII. Pesava cerca de 5kg e consistia em um tubo de metal adaptado a uma coronha de madeira, alimentado com pólvora e balas de chumbo. Continha espaço para apenas um tiro, precisando ser carregada logo em seguida. Nunca era empregada em distâncias superiores a 150 metros, pois havia pouca chance de acerto aos alvos em distâncias maiores. Era capaz de penetrar na maior parte das armaduras usadas na Europa e nas proteções usadas pelos indígenas das Américas.

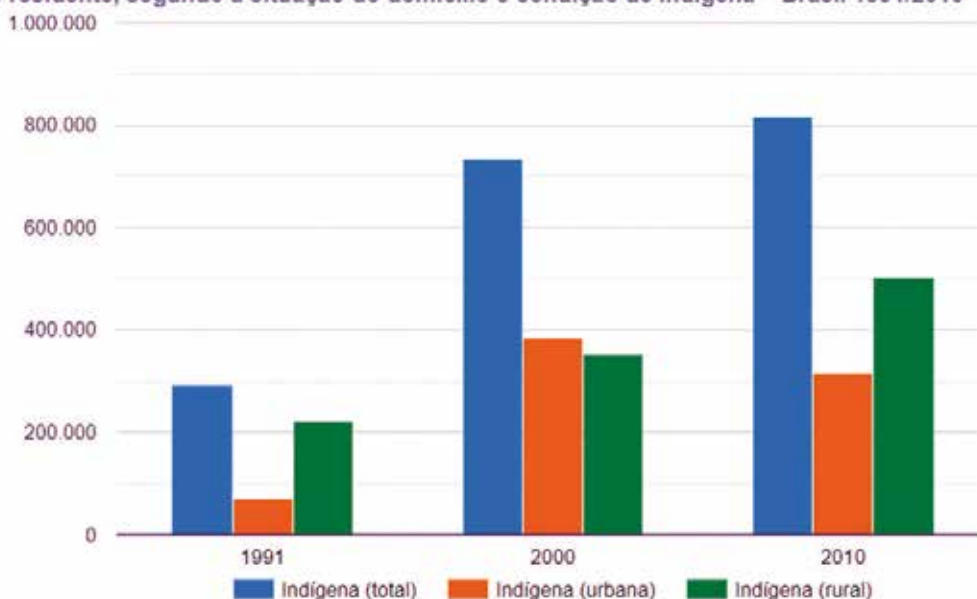
Adaptado de: Wikipedia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arcabuz>.

ATIVIDADE 5 – Luta e resistência indígena na atualidade

A HISTÓRIA E O PRESENTE

- 1 Em geral, costuma-se pensar que os indígenas praticamente sumiram de nosso país e que sua participação na História foi relevante apenas na época colonial. Veja algumas das últimas estatísticas provenientes de pesquisas do IBGE sobre a composição da população brasileira:

População residente, segundo a situação do domicílio e condição de indígena – Brasil 1991/2010



IBGE, Censo Demográfico 1991/2010. Fonte: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>

Com base nesse documento oficial, o que é possível identificar em relação à população indígena dos anos 1990 em diante? Isso confirma ou nega a impressão predominante na sociedade?

- 2 Para além dos números, os indígenas continuam presentes e ativos na sociedade, lutando pela preservação de suas terras e costumes, e reivindicando seus direitos ante o Estado brasileiro. Observe os cartazes abaixo, de manifestações das populações indígenas:

Foto: <https://www.flickr.com/photos/agenciasenado/5413425308> Leopoldo Silva/
Agência Senado/ Atribuição (CC BY 2.0)



<https://www.flickr.com/photos/agenciasenado/53678989748/in/photostream/>
Foto: Jefferson Rudy/Agência Senado. Atribuição (CC BY 2.0)



Diferentes manifestações ao longo da década de 2020.

- a) Você consegue identificar pelo que eles estão lutando? Descreva as reivindicações dos cartazes em cada imagem, pesquisando as palavras e termos que você desconhece.

- b) Você acredita que as lutas indígenas representadas têm relação com a sua vida também? Explique como elas podem alterar seu cotidiano. Se necessário, discuta com seus colegas.



ATIVIDADE PRÁTICA

Todos os movimentos sociais - ou seja, coletivos de pessoas lutando por uma questão específica importante para seu grupo - formam seus próprios representantes e lideranças. Nesse sentido, veja algumas figuras indígenas importantes da atualidade:



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sonia_Guajajara_na_Audiencia_Publica_Comiss%C3%A3o_de_Cultura_da_C3%A2maria.jpg

Sonia Guajajara



[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ailton_Krenak_\(6269420566\)_cropped.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ailton_Krenak_(6269420566)_cropped.jpg)

Ailton Krenak



<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/68/Davikopenawa.jpg>

Davi Kopenawa Yanomami



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jo%C3%AAnia_Wapichana_CDH_2.jpg

Joênia Wapichana



https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2024/06/20240612_Foresta-de-Lugar-14852x1024.jpg Ariane Sousa Campos, Jornal da USP

Sonia Ara Mirim



<http://usp.br/leer/case-angatu-xukuru-tupinamba/>

Casé Angatu Xukuru Tupinambá

- 1) Você conhece essas lideranças indígenas? Em grupo, escolha uma dessas pessoas e pesquise sobre a sua biografia e sobre o que elas fizeram/fazem em contribuição à luta indígena no Brasil. Em seguida, elabore um cartaz contando sobre essa liderança. Utilize imagens, recortes e textos. No final, apresente o cartaz do seu grupo aos demais colegas e conheça as demais lideranças indígenas, a partir da apresentação dos outros grupos. Com a orientação de seu professor ou professora, montem uma exposição na escola com todos os cartazes produzidos!



Apesar de muita luta na história indígena, nem tudo em sua experiência é confronto e resistência. Os indígenas continuam vivendo suas vidas em comunidade e elaborando suas culturas, além de tecerem diversos tipos de contato com a população não indígena. Essa experiência e cultura não podem ser reduzidos apenas aos momentos de conflito. Por isso, vamos conhecer um desses aspectos diferentes: a produção cinematográfica indígena.

Assista aos curtas-metragens indicados abaixo, produzidos por diferentes povos indígenas em suas aldeias e disponíveis no **“Canal Vídeo nas Aldeias”**. Depois, elabore uma sinopse sobre cada um, como se você fosse recomendar o vídeo.



Depois do ovo, a guerra

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N8LbzwUy9Qs>

A História de Akykysia: o dono da caça

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=idSF6XJbMQk>



Palermo e Neneco- Um dia na aldeia Mbya-Guarani

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gce8DlqAPQY>

No tempo do verão

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7ye5N4nHi8>



UNIDADE 3

Escravidão e Diáspora Africana no Brasil

PRIMEIRAS PALAVRAS

Da mesma forma que a população indígena, a população afro-brasileira também cresceu numericamente nos últimos anos. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, em 2010, negros e negras - grupo que inclui pessoas que se identificam como pretas e pardas - correspondem a 51% da população brasileira. Tal fato tornou o Brasil o segundo país com maior número de afrodescendentes no mundo. Porém, desde os primórdios da colonização portuguesa em nosso território, esse grupo sempre foi numeroso. Nesta unidade, vamos refletir sobre as origens desse processo. Sabemos que os primeiros africanos desembarcados na região onde hoje é o Brasil chegaram na condição de escravizados, sequestrados de suas comunidades de origem na África para realizar trabalhos forçados no mundo colonial. Isso gerou o maior deslocamento populacional da história, com grandes consequências para o nosso país ainda atualmente. Portanto, vamos investigar questões, como em quais condições vieram os primeiros africanos ao Brasil e quais foram as experiências dessa população no dito “Novo Mundo”.

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Patrim%C3%B4nio_Imaterial_Capoeira_\(49188734536\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Patrim%C3%B4nio_Imaterial_Capoeira_(49188734536).jpg) Foto de Clara Angelinas, 2019, Clara Angelinas/Ministério da Cidadania / Wikimedia Commons/CC BY 2.0 DEED



Roda de capoeira na capital baiana.



ATIVIDADE 1 – A diáspora africana

Dessa vez, vamos começar a partir de uma palavra que pode ser desconhecida para você. Você já ouviu falar na palavra “diáspora”? Tem alguma ideia do que significa? Confira o que o trecho da notícia abaixo tem a dizer sobre ela:

"O termo diáspora tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. Foi largamente utilizado para nomear os processos de ‘dispersão’ dos judeus entre os séculos 6 a.C (cativo na Babilônia) e o século XX (perseguições na Europa). Além da diáspora judaica, outros processos diaspóricos são importantes para a compreensão das relações históricas e sociais entre os povos ao longo do tempo."

Retirado de : Lorena de Lima Marques. Diáspora africana, você sabe o que é? Fundação Cultural Palmares. 20 fev. de 2019, atualizado em 06 de abr. de 2023; Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>

- 1 Apesar de o dicionário citar a diáspora dos judeus, causada pela invasão babilônica nas regiões originárias dos hebreus, eles não foram o único povo a passar por um processo de dispersão forçada.
 - a) Você conhece outros povos na História, que passaram por um processo de deslocamento como esse? Se sim, qual e por qual motivo?

- b) Discuta com os seus colegas quais poderiam ser os motivos políticos ou religiosos para um povo ser obrigado a se dispersar. Anote algumas ideias.

- c) Para você, o processo de dispersão de um povo ou comunidade é pacífico ou violento? Justifique.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 2 Uma das maiores diásporas ocorridas na história foi a dos povos africanos, levados em situação de escravidão para as Américas, entre os séculos XVI e XIX. Sobre esse fenômeno, veja o que escreve o historiador José Rivair Macedo:

A escravidão e o tráfico internacional de escravizados tiveram consequências econômicas, sociais e demográficas profundas e duradouras para os africanos. O aprisionamento e a privação de liberdade de milhões de seres humanos, agravados pelo seu deslocamento forçado para outras partes do mundo, teriam provocado a maior emigração de toda a história da humanidade.

Por outro lado, ao provocar o deslocamento maciço das populações africanas, a escravidão e o tráfico de escravizados deram origem a um novo fenômeno: o da transferência de elementos das culturas africanas e a consequente interação entre as experiências sociais e culturais africanas e as experiências já existentes nos locais para onde os africanos e afrodescendentes foram levados, num fenômeno conhecido como diáspora africana.

Adaptado de: José Rivair Macedo. História da África. São Paulo: Contexto, 2014, p 99-100.

Identifique duas consequências da escravidão e do tráfico citadas pelo historiador.



RODA DE CONVERSA

- Você conhece algum elemento de tradição africana, ainda presente na cultura ou no cotidiano dos brasileiros? Em uma roda de conversa, discuta com seus colegas, de modo a elaborar uma lista coletiva com os exemplos levantados. Se necessário, faça uma pesquisa sobre os elementos que você desconhece.

ATIVIDADE 2 – O tráfico transatlântico de escravizados

Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram sequestrados em seus territórios e transportados para os portos da América, em uma migração forçada. Esse processo, chamado de “tráfico transatlântico”, foi central na diáspora africana. Por meio dele, as duas pontas do Oceano Atlântico – a África e a América – eram conectadas.

- 1 Observe as tabelas a seguir, com os números desse processo, para responder às questões:

Africanos embarcados nos navios negreiros do tráfico transatlântico, por século e bandeira do navio

Período	Espanha / Uruguai	Portugal / Brasil	Grã-Bretanha	Holanda	França	EUA	Total
1501-1600	119.962	154.191	1.922	1365	66	0	277.506
1601-1700	146.270	1.011.192	428.262	219.931	38.435	4.151	1.848.241
1701-1800	10.654	2.213.003	2.545.297	330.014	1.139.013	189.304	6.427.285
1801-1900	784.639	2.469.879	283.959	3.026	203.890	111.871	3.873.264
Total	1.061.525	5.848.265	3.259.440	554.440	1.381.494	1.381.404	12.410.296

Adaptado de: Slave Voyages. Fonte: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>.

- a) Qual o total de pessoas escravizadas e transportadas da África para a América ao longo de toda a existência do tráfico transatlântico?
-

- b) Quais os países com o maior número de pessoas escravizadas em cada século em que existiu o tráfico?

- c) Qual o país com o maior número de pessoas escravizadas ao longo do tempo?

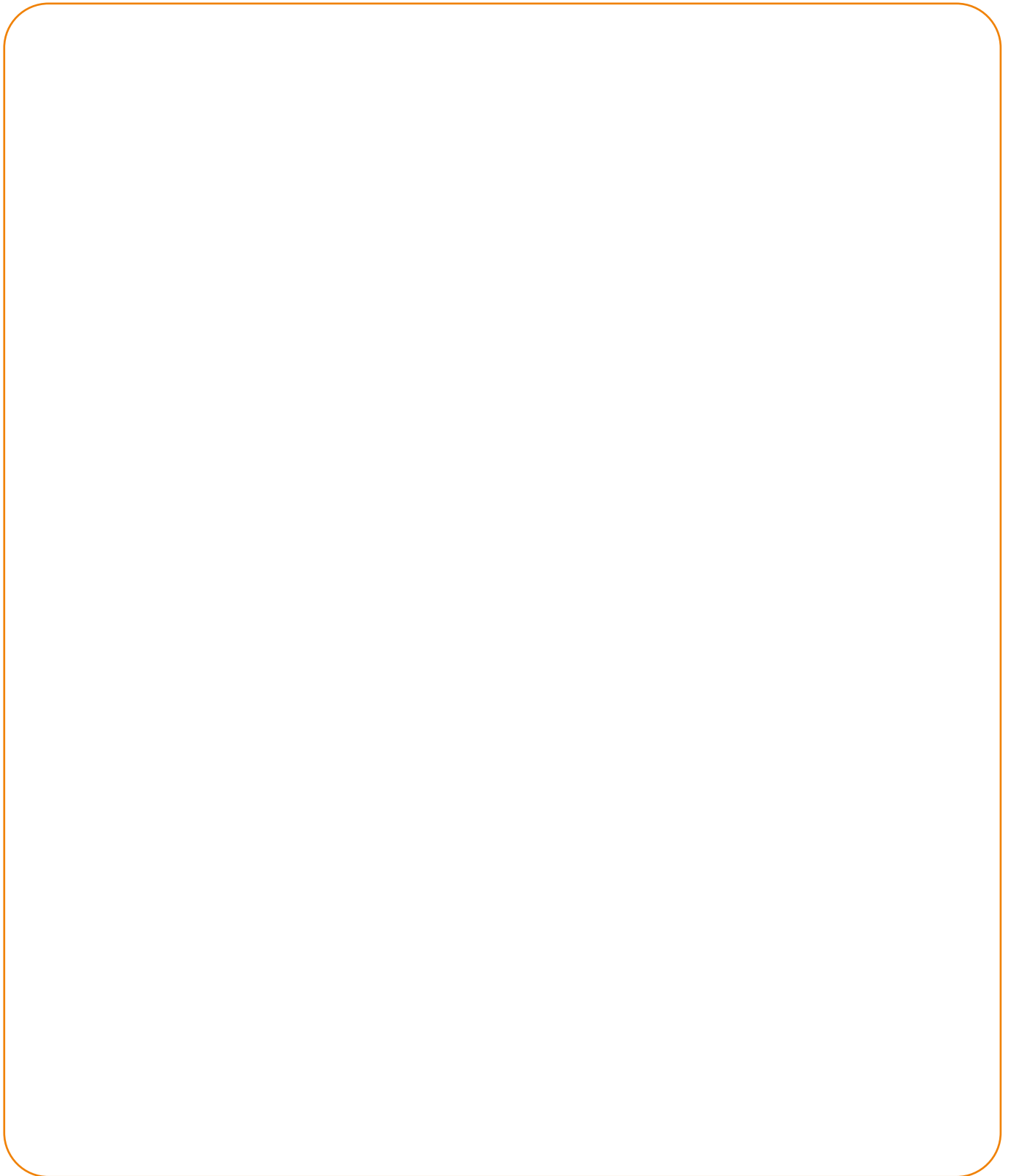
**Africanos desembarcados de navios negreiros
em portos das Américas, por século e bandeira dos navios**

Período	Espanha / Uruguai	Portugal / Brasil	Grã-Bretanha	Holanda	França	EUA	Total
1501-1600	83.981	112.738	1,356	1.160	50	0	199.285
1601-1700	104.000	852.037	327.956	184.479	29.200	3.250	1.500.922
1701-1800	9.235	1.991.362	2.150.334	286.802	959.170	157.337	5.554.240
1801-1900	687.706	2.143.678	253.678	2.799	176.547	92.065	3.356.473
Total	884.922	5.099.815	2.733.324	475.240	1.164.967	252.652	10.610.920

Adaptado de: Slave Voyages. Fonte: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>.

- a) Considerando essa tabela e a anterior, o número de africanos desembarcados nas Américas é maior ou menor que o de embarcados? Discuta com os colegas e elabore uma hipótese que explique essa diferença.

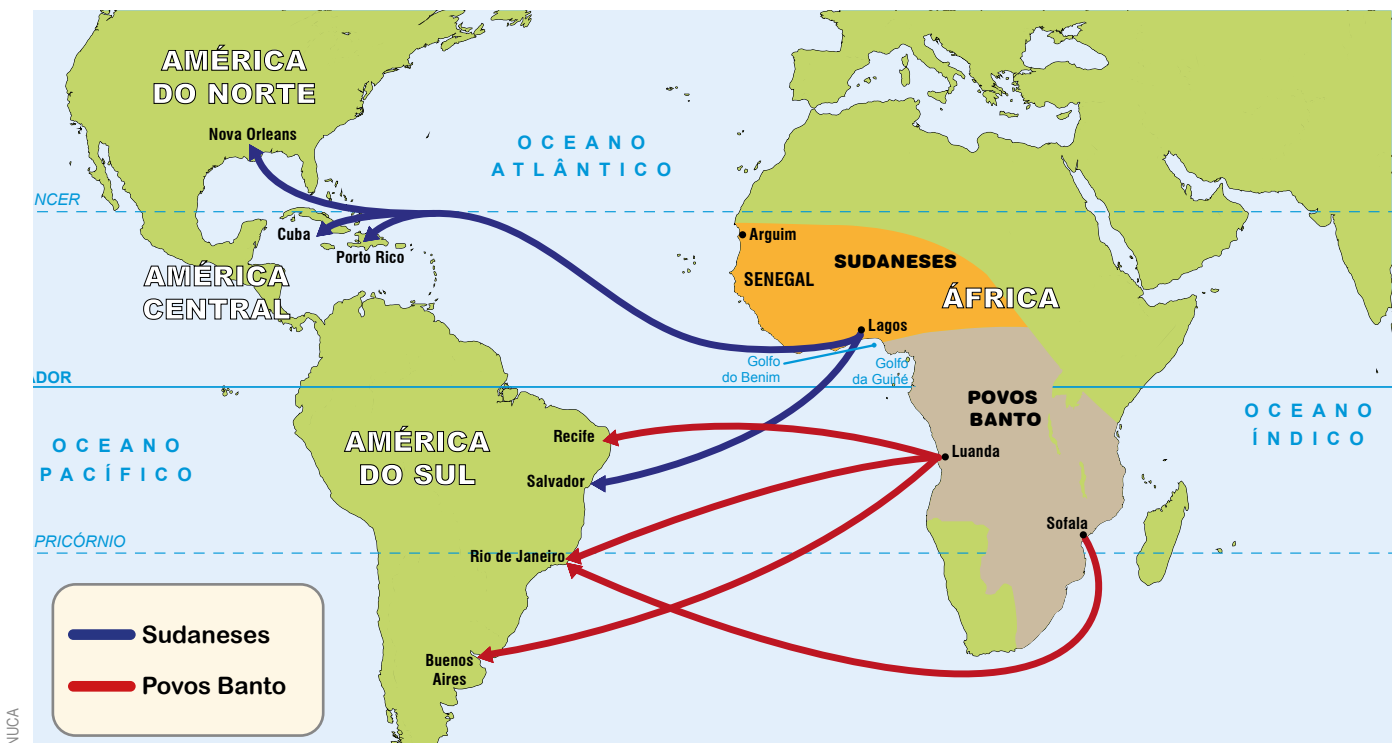
- b) Observando os dados, como podemos descrever a evolução da escravidão no Brasil ao longo dos quatro séculos? Monte um gráfico representando esse cenário.



OS MAPAS E A HISTÓRIA

- 2 As pessoas e os navios representados nos números analisados estavam espalhados por vários locais da África e das Américas. Nos diversos portos africanos, diferentes grupos e países dominavam o tráfico e diferentes povos eram escravizados. O mapa abaixo mostra um pouco dessa dinâmica:

Direção do tráfico transatlântico de escravizados de regiões africanas e regiões americanas



- a) De acordo com o mapa, cite uma cidade que recebia escravizados na América Central e duas na América do Sul.

- b) Quais eram os principais portos de onde saíam os escravizados com destino ao Brasil? E onde ficavam os portos brasileiros?

- c) Agora pesquise em quais países africanos da atualidade os portos de embarque estavam localizados. Monte as informações na tabela:

Porto	País atual

PENSANDO A HISTÓRIA

- 3 Além de servir ao sistema escravista nas Américas, uma outra característica explica o porquê de o tráfico atlântico ter tomado dimensões tão grandes. Veja a explicação do historiador Fernando Novais:

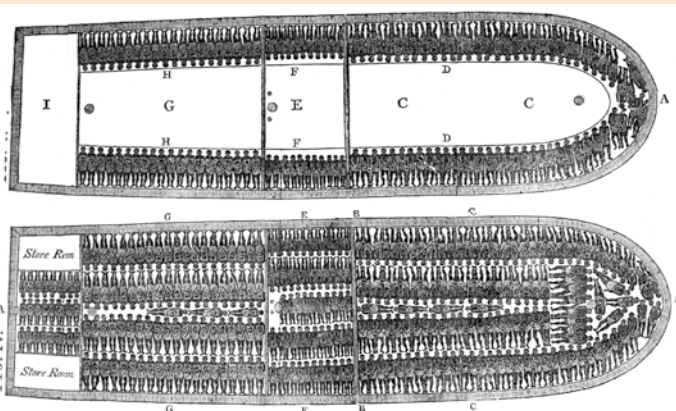
“o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial. Assim, a acumulação de riquezas gerada no comércio de africanos, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa ‘mercadoria’.”

Adaptado de: Fernando A. Novais. Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808). Editora 34. 2019.

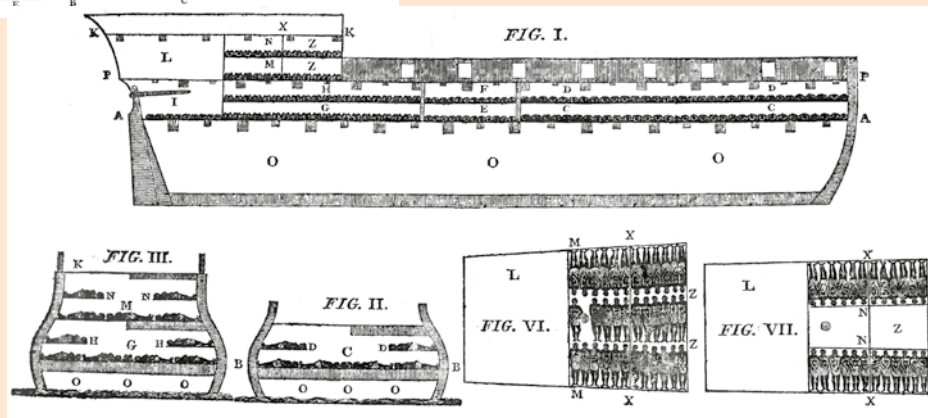
Explique com suas palavras qual era essa outra característica que marcou a história do tráfico.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 4 Os números e mapas ajudam a entender os processos históricos, porém, quando analisamos apenas fontes desse tipo não conseguimos ter a dimensão da experiência pela qual as pessoas passaram durante esse processo. Após serem capturados e levados de seus locais de origem, essas pessoas eram embarcadas nos navios negreiros, também chamados de “tumbeiros”. Você já viu ou ouviu falar como era um navio negreiro? E como ocorriam as viagens que cruzavam o oceano? Praticamente não existem peças ou vestígios desses navios e a maioria dos documentos existentes contam a história a partir do ponto de vista dos comerciantes, colonizadores, artistas ou viajantes. Alguns exemplos dessa visão são essa planta do navio e as gravuras:



James Phillips. Plano e seções de um navio negreiro, 1789.



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abstract_of_the_evidence_for_the_abolition_of_the_slave-trade_1791_-_To_face_Page_37_-_2.png

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abstract_of_the_evidence_for_the_abolition_of_the_slave-trade_1791_-_To_face_Page_37.png

- a) Em quais partes do navio ficavam os escravizados? Por meio da planta, o que podemos concluir sobre a forma como eles viajavam?

- b) Apesar das gravuras nos darem uma noção de como era a viagem, elas são contaminadas pelo olhar do artista viajante. Cite elementos sobre a forma como os negros são representados que confirmem isso.

- c) No século XVIII, essa planta foi utilizada como propaganda do tráfico negreiro e, posteriormente, como denúncia de seu caráter desumano. Imagine que você é um jornalista da época e teve acesso a esse documento. Escreva um texto para publicação em jornal com o objetivo de alertar as pessoas e denunciar o processo.

- 5 Se os documentos que analisamos anteriormente são muito contaminados pelas visões europeias e colonialistas, como podemos entender o que significou a travessia do Atlântico para os escravizados? Uma das formas de nos aproximarmos dessa questão são os seus próprios relatos. Infelizmente existem poucos documentos desse tipo que sobreviveram ao tempo. Podemos ter acesso a um deles a partir da narrativa de Mahommah Baquaqua, escravizado que passou parte da sua vida no Brasil do século XIX:

Eu fui, então, posto naquele que é o mais horrível de todos os lugares, O NAVIO NEGREIRO.

Os seus horrores, ah! Quem poderá descrever? Ninguém poderá representar tão verdadeiramente os seus horrores como o pobre infeliz, miserável desgraçado que foi confinado dentro dos seus portais. [...] Fomos lançados no porão do navio em estado de nudez, os homens espremidos de um lado e as mulheres do outro; o porão era tão baixo que não conseguíamos ficar de pé, mas éramos obrigados a nos agachar sobre o piso ou a nos sentarmos; dia e noite eram a mesma coisa para nós, o sono nos era negado pela posição de confinamento dos nossos corpos, ficamos desesperados com o sofrimento e fadiga.

Ó! A asquerosidade e imundície daquele lugar horrível jamais desaparecerão da minha memória; o meu coração ainda hoje adoce quando penso naquilo. [...]

A única comida que tínhamos durante a viagem era milho cozido mergulhado em água. Não consigo dizer quanto tempo ficamos confinados daquela maneira, mas pareceu um período muito longo. Nós sofremos muitíssimo com a falta d'água, mas nos era negado tudo o que precisávamos. Meio litro por dia era tudo o que era permitido, e nada mais; e um grande número de escravos morreu na travessia. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela falta d'água, que tentou retirar de supetão a faca do homem branco que trazia a água, quando foi levado para o convés, no alto, e eu jamais soube o que sucedeu a ele. Suponho que ele tenha sido lançado ao mar.

Biografia de Mahommah G. Baquaqua (1854). Chapel Hill: University of North Carolina, 2001, p. 68-69.

- a) Cite elementos do texto que expliquem os motivos para o navio negreiro ser “o mais horrível de todos os lugares”, de acordo com Baquaqua.

- b) De acordo com esse relato, a ideia de que os negros vivenciavam o processo de escravização e a viagem no navio de forma passiva, evidenciada nas gravuras, é confirmada? Explique.



VAMOS PESQUISAR!

Se da perspectiva do escravizado restaram poucas evidências do que representou a travessia do Atlântico, atualmente existem monumentos e lugares de memória em diversos países na África e na América que buscam perpetuar e sensibilizar as novas gerações dos horrores desse processo. Um deles é a “Porta do Não Retorno”, no Forte de São João de Ajudá, no atual Benin.

Esse local pertencia ao Reino do Daomé, na região conhecida como Costa dos Escravos. Ali foi instalada uma fortaleza que funcionava como feitoria portuguesa, um tipo de posto comercial para trocar mercadorias europeias por escravizados, e um dos principais portos do tráfico transatlântico. Estima-se que cerca de 2 milhões de pessoas embarcaram ali com destino à América. Nesse mesmo local havia a “Árvore do Esquecimento”. Em uma espécie de ritual, aqueles que seriam embarcados deveriam dar voltas ao redor da árvore como forma de simbolizar o esquecimento de suas origens, memória, povo, família e cultura. Esses eram alguns elementos desestruturados pelo tráfico e pela escravidão e o ritual tentava tornar o indivíduo “simbolicamente morto”. Atualmente no local funciona o Museu Histórico de Ajudá. Veja algumas imagens desse local:



Porta do Não Retorno.



Museu Histórico de Ajudá.

1) Você consegue imaginar por que o local foi chamado “Porta do Não Retorno”? Descreva os elementos que simbolizam a memória do tráfico nas imagens.

- 2) Como um dos principais locais de desembarque do tráfico negreiro, o Brasil também tem seus lugares de memória, espalhados por diversos estados do país. Alguns deles estão listados a seguir. Em grupo com seus colegas, escolha um deles e faça uma pesquisa. Apresente seus resultados em forma de um cartaz para compor um mural da turma com os diversos locais que marcam essa memória no Brasil.
- | | |
|--|---|
| a) Cais do Valongo (Rio de Janeiro/RJ) | f) Museu Afro Brasil: Sala do Navio Negreiro (São Paulo/SP) |
| b) Memorial dos Pretos Novos (Rio de Janeiro/RJ) | g) Cais da Cidade Baixa (Salvador/BA) |
| c) Porto Jaguarão (Jaguarão/RS) | h) Porto de São Mateus (São Mateus/ES) |
| d) Cafuá das Mercês (São Luís/MA) | i) Barra da Catuama (Goiana/PE) |
| e) Rua do Bom Jesus (Recife/PE) | |

ATIVIDADE 3 – Técnicas e saberes africanos no Brasil colonial

Após desembarcados e vendidos no Brasil, os africanos teriam sua vida marcada pelo trabalho forçado em locais como plantações, engenhos de açúcar, minas de ouro e nas próprias casas dos colonos. No entanto, a participação dos sujeitos escravizados na História do Brasil não se limita apenas ao trabalho. Suas inúmeras contribuições no campo da cultura (comidas, danças, músicas, festas, língua) e da religião são bastante conhecidas. Já no campo do trabalho, costuma-se pensar que os africanos vieram para a América como “mão de obra desqualificada” e aprenderam as técnicas europeias para trabalhar na colônia. Nessa atividade, veremos como, na verdade, os africanos eram portadores de saberes e de técnicas especializadas que influenciaram intensamente na construção do mundo do trabalho colonial, sendo apropriadas pelos europeus ao longo do processo de escravização.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 1 Nos séculos XVIII e XIX, período auge da mineração na colônia, havia uma superstição muito famosa entre os mineradores, portugueses e colonos sobre mulheres trazidas de uma mesma região da África. Abaixo temos um relato de Luís Vaía Monteiro, governador da Capitania do Rio de Janeiro, em 1726, e também um trecho do historiador Eduardo Paiva sobre isso:

“Não há mineiro que possa viver sem nenhuma Negra Mina, dizendo que só com elas se tem fortuna” (Luís Vaía Monteiro).

“Na verdade, a preferência dos mineradores não se restringia às escravas designadas Mina, mas incluía os escravos oriundos dessa região africana ou embarcados em algum porto dessa região, principalmente o de Ajudá. Associava-se aos Mina um grande poder de descobrir ouro, o que calhava perfeitamente com o maior dos desejos de boa parcela da multidão de homens que começou a ocupar as ricas terras minerais do interior da América portuguesa a partir do final do século XVII.”

Adaptados de: Eduardo França Paiva. Bateias, carumbés e tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: Eduardo França Paiva & Carla Maria Junho Anastasia (Orgs.). O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2002, p. 187-207.

- a) Com base nos textos, descreva qual era essa crença popular do período colonial.

- b) Os portugueses chamavam de “**negros Mina**” aqueles que vinham da região conhecida como Costa da Mina, na atual Gana, onde eles construíram uma de suas principais feitorias, que servia a diversos comércios, inclusive o de escravizados. Sabendo dessa informação, será que esses africanos realmente tinham um “poder de descobrir ouro” ou de trazer sorte? Você consegue imaginar uma hipótese que explique a existência dessa crença?

- 2 Outro documento, desta vez o relato do viajante Barão Ludwig von Eschwege, permite aprofundar as conclusões sobre a ligação dos africanos com a mineração. Leia um trecho:

Somente mais tarde, aprendendo com a prática, principalmente depois da introdução dos primeiros escravos africanos, que já na sua pátria se tinha ocupado com a lavagem do ouro foi que os mineiros portugueses e brasileiros aperfeiçoaram esses processos de extração.

Deve-se principalmente aos negros a adoção das bateias de madeira, redondas e de pouco fundo, de dois a três palmos de diâmetro, que permitem a separação rápida do ouro da terra, quando o cascalho é bastante rico. A eles se devem, também, as chamadas canoas, nas quais se estende um couro peludo de boi, ou uma flanela, cuja função é reter o ouro, que se apura depois em bateias.

Adaptado de: Wilhelm Ludwig von Eschwege. *Pluto Brasiliensis*, v. 1. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979, p. 167-168.

Após a leitura do relato do Barão de Eschwege, a hipótese elaborada na questão anterior foi confirmada? Com base nessas novas informações, quais as suas conclusões sobre a “sorte” trazida pelos negros Mina?

CULTURA MATERIAL

- 3 No relato do Barão, é mencionado o instrumento de mineração mais difundido no Brasil, cuja origem era africana: a bateia, utilizada ainda hoje no garimpo. Com a ajuda de sua professora ou seu professor, faça uma pesquisa sobre o objeto “bateia”.

- a) Como você imagina o uso desse instrumento? Procure descrever o processo a partir das imagens que pesquisou.

- b) O fato de os africanos serem os inventores desse instrumento e detentores do conhecimento sobre o método de garimpo lhes resultava algum privilégio no contexto colonial? Reflita sobre a questão, utilizando como base a relação de trabalho.

- 4 Em muitos locais da África, a mineração do ouro, do ferro e a metalurgia eram atividades amplamente difundidas séculos antes dos contatos com os reinos europeus, especialmente na chamada Costa do Ouro, na África ocidental, região de onde vieram muitos escravizados para o Brasil. Para fazer a fundição do ferro, os africanos desenvolveram fornos de alta temperatura, que permitiam a produção de ferramentas resistentes. Com o ouro extraído das minas, o conhecimento dos ourives africanos foi muito utilizado para a produção de joias, amuletos e acessórios, que ficaram conhecidas como “joias crioulas” e “balangandãs”. Para além da economia mineradora, os africanos também possuíam saberes e técnicas para trabalhar com a madeira. Por isso, foram importantes na produção e aprimoramento de diversos instrumentos utilizados nos engenhos de açúcar e em outros processos agrícolas. Os objetos a seguir têm relação com todos esses conhecimentos:



Moenda de Açúcar (Período Colonial).
Robert Napiorkowski.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_Nacional_do_A%C3%A7%C3%Bacar_e_do_%C3%81cool_popularmente_chamado_de_Museu_da_Cana_-_Formas_de_p%C3%A3o-de-a%C3%A7%C3%Bacar_em_1%C3%A1tua_de_purgar_e_tachos_utilizados_na_%C3%A9poca_do_Brasil_colonial_Esta_forma_c%C3%B4nica_d%C3%A9u_nom._-_panoramio.jpg



Formas de Pão de Açúcar em
tábua de purgar e tachos

- c) Pesquise sobre os objetos e descreva-os, fornecendo as seguintes informações para cada um deles:
- Material de que é feito
 - Para que serve
 - Categoria: “Instrumento de mineração”, “Instrumento de engenho” ou “Joia crioula”

- d) Você sabe quais desses instrumentos são utilizados ainda hoje? Será que os aprimoramentos feitos ao longo do tempo nessas produções tornaram elas completamente ultrapassadas? Ou os novos instrumentos ainda têm relação com os estudados? Procure saber sobre a mineração e a produção de açúcar na atualidade e escreva suas descobertas.



ATIVIDADE PRÁTICA

Com base em tudo o que você aprendeu, crie uma história sobre todo o ciclo de produção e utilização de uma dessas joias crioulas. Lembre-se que o processo vai desde a extração da matéria prima e o trabalho com o metal para transformar em joia até a compra e o uso do objeto. Destaque também quem são as pessoas que trabalham e fazem a joia, e quem compra e usa. Você pode fazer em formato de conto, de poema ou mesmo de história em quadrinhos. Use sua criatividade!

ATIVIDADE 4 – Resistências negras à escravidão

Durante os mais de três séculos em que houve escravidão nas Américas, a população negra nunca aceitou de forma passiva essa condição sem reagir. Várias formas de luta e resistência foram praticadas naquele contexto. Nesta atividade veremos algumas delas.

- 1 Nos documentos a seguir, tem-se duas denúncias de ações rebeldes dos escravizados, uma publicada em um jornal de São Paulo e outra fixada em cartaz nas ruas do Rio de Janeiro, ambas do século XIX:

Escravos fugidos.

Fugio no dia 17 de Dezembro proximo passado ao Ex.^{mo} Bispo Diocesano um escravo de nome Lburenço, com os signaes seguintes: idade 14 annos, baixo e grosso, muito experto, côr avermelhada; cara redonda, beijo de cima comprido, cabello crespo, dentes grandes, e bem serrados, boca grande, orelhas cahidas para baixo, pés bem feitos, e os dedos grandes abertos; tem principios de alfaiate, e de carpinteiro. Levou vestido uma calça de brim claro, camiza de algodãozinho, jaqueta de riscadinho, chapeo de palha, e uma baeta azul. Foi encontrado em uma tropa no caminho de Santos, e ultimamente no de Bragança. Quem o entregar n'esta Cidade a seu senhor além dos gastos receberá uma gratificação.

a) Qual foi a ação rebelde desse escravizado? Como ele é descrito nos documentos?

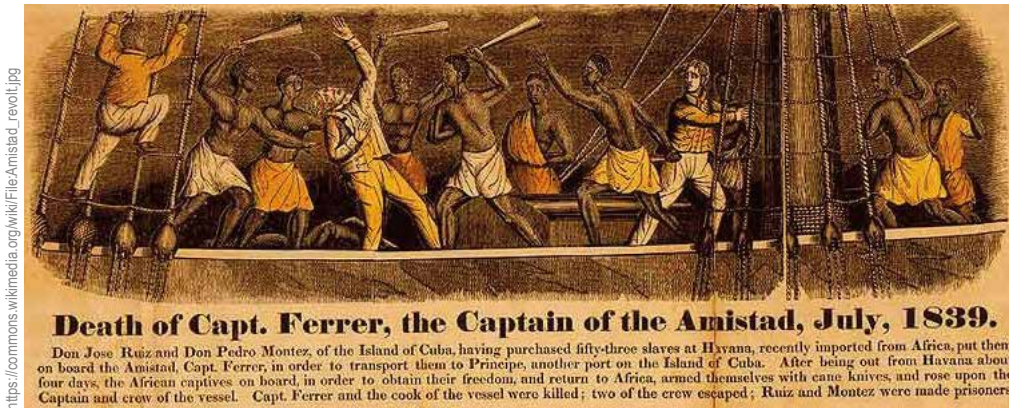
b) Você já viu outros anúncios parecidos em filmes, séries ou outros meios? Para quais contextos esses anúncios são produzidos? Eles buscam que tipos de pessoas?

c) Qual a estratégia do senhor para reencontrá-lo?

d) Considerando as respostas anteriores, quais suas conclusões a respeito do anúncio analisado?

2 Jornais, cartas oficiais, livros e obras de arte da época nos revelam ainda outras formas de resistência dos escravizados, algumas mais violentas do que as fugas. Veja alguns exemplos nos próximos documentos:

Documento 1



“Morte do Capitão Ferrer, Capitão do Navio Amistad, Julho de 1839”. John Warner Barber. A History of the Amistad Captives. New Heaven, Connecticut: E.L. and J.W. Barber, Hitchcock & Stanford Printers, 1840.

Documento 2

“[...] eis que no dia 17 pelas onze horas da manhã, vejo o povo correr em multidão, gritando que número de negros armados vinham cometer a Vila, saqueando casas pelo lugar de Tuquanduba distante meia légua; mandei logo tocar a rebate, e juntando mais de duzentos soldados, que apoiadas pela tropa de Linha puseram-nos em fuga para dento das matas, e lugares por onde a mesma Tropa não os pôde vir, nem seguir”

Adaptado de: Carta do marechal inspetor-geral, José Roberto Pereira da Silva, ao governador da capitania de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, 18 ago. 1815. In: Arquivo Nacional. FONTE: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3537&Itemid=359>.

a) Descreva as ações abordadas em cada documento.

b) Com base nessas duas fontes, em quais momentos da trajetória dos escravizados essas ações podiam ocorrer?

PENSANDO A HISTÓRIA

3 A ideia de que todas as revoltas e lutas dos escravizados buscavam a liberdade e a destruição total do sistema escravista é falsa. Na verdade, esses eventos são cheios de complexidade, pois existiram revoltas com outras reivindicações a respeito do cotidiano e do trabalho. Um documento descoberto por historiadores, produzido pelos próprios escravizados amotinados, ficou bem famoso nesse sentido. Trata-se do episódio da Revolta dos Escravizados do Engenho de Santana, em Ilhéus, na Bahia, no ano de 1789. No evento, os escravizados assassinaram um feitor e fugiram para as matas do entorno do engenho. Depois, propuseram ao senhor um tratado com condições para voltarem a trabalhar. Conheça um pouco do tratado:

Meu Senhor, nós queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser nossa paz há de ser nessa conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos a saber.

Em cada semana nos há de dar os dias de sexta-feira e de sábado para trabalharmos para nós não tirando um destes dias por causa de dia santo.

Para podermos viver nos há de dar rede, tarrafas e canoas. (REIS & SILVA, p.123)

Faça uma barca grande para quando for para Bahia nós metermos as nossas cargas para não pegarmos fretes.

Na planta de mandioca, os homens queremos que só tenham tarefa de duas mãos e meia e as mulheres de duas mãos. (REIS & SILVA, p.123)

Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação.

Nas moendas há de pôr quatro moedeiras, e duas guindas e uma carcanha.

Em cada uma caldeira há de haver botador de fogo, e em cada terno de faixas o mesmo, e no dia sábado há de haver irremediavelmente peija no Engenho.

Os marinheiros que andam na lancha além de camisa de baeta que se lhe dá, hão de ter gibão de baeta, e todo o vestuário necessário. (REIS & SILVA, p.124)

Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isso peça-mos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás ou qualquer pau sem darmos parte para isso. A estar por todos os artigos acima, e conceder-nos estar sempre de posse da ferramenta, estamos prontos para o servimos como dantes, porque não queremos seguir os maus costumes dos mais Engenhos. Poderemos brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça e nem seja preciso licença. (REIS & SILVA, p.124)

Retirado de: Tratado proposto a Manuel da Silva Ferreira pelos seus escravos durante o tempo em que se conservaram levantados, c. 1789. In: João José Reis & Eduardo Silva. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 123-124

Glossário:

Tarrafa – Tipo de rede de pesca mais elaborada

Duas mãos e meia – unidade de medida relativa à cana de açúcar.

Peija – paralisação.

Baeta – tecido de algodão.

Gibão – espécie de colete.

- a) Segundo o documento, quais as condições dos escravizados para voltar ao trabalho? Liste pelo menos quatro demandas.

- b) Por meio desse documento, o que podemos descobrir sobre as formas de luta dos escravizados e sobre o contexto dos demais engenhos? Você acha que mais movimentos como esse podem ter acontecido?

- c) Com quais movimentos de trabalhadores dos tempos atuais essa revolta se parece?

- 4 Apesar de vivermos um tempo em que a escravidão é proibida, existem outros problemas para os trabalhadores da atualidade e nem sempre a situação do emprego é justa ou ideal. Pergunte sobre as condições de trabalho de uma pessoa próxima a você (um familiar, ou vizinho). Quais aspectos ela considera injustos ou que deveriam melhorar? Agora imagine que você se juntasse a ela e a outros trabalhadores na mesma situação, para exigir melhorias no cotidiano desse trabalho. Quais reivindicações você faria? Elabore um tratado como o do documento estudado.

- 5 Nem todas as formas de resistir, no entanto, envolviam violência física. Alguns escravizados conseguiram obter a liberdade de outras maneiras, como foi o caso de Rita, uma escravizada na capitania de Goiás, em 1790. Veja a imagem e a transcrição da “carta de alforria”, o documento que atestava a liberdade dela:

Lançamento de um escrito de liberdade passado por Francisco Lourenço Pereira a Rita mulata:

“Digo eu, Francisco Lourenço Pereira que entre os mais bens de que sou Senhor e possuidor, é bem assim uma mulata por nome Rita que comprei na cidade do Rio de Janeiro a vista pela quantia de oito dobras que a dinheiro importam cento e dois mil e quatrocentos reis, e por receber da dita mulata a dita quantia e pelos bons serviços que me tem feito, a forro e a dou por forra como se forra nascesse do ventre de sua mãe de hoje para todo sempre poderá usar de sua liberdade em toda e qualquer parte que lhe parecer”

Adaptado de: Franciele Rosa dos Santos Amaral & Cesar Augusto de Oliveira Casella. Transcrição das cartas de alforria de Rita Mulata e Roza Mulata. *In*: Revista Temporis, v. 16, n. 1, jan./jun. 2016, p. 75-79. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/4496>.

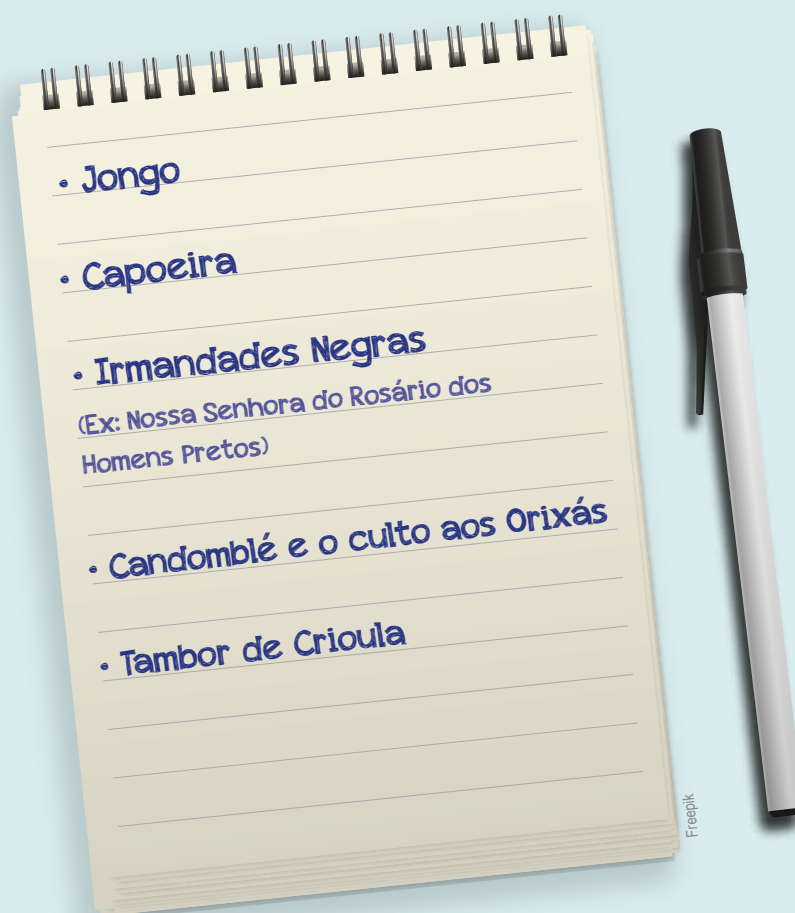
- a) Segundo o documento, de que forma Rita conseguiu a liberdade?



VAMOS PESQUISAR!

As manutenções de elementos culturais e de tradições africanas dos escravizados também fazem parte de sua resistência contra a ação desumanizadora da escravidão. Afinal, esta busca acaba com suas identidades anteriores e apagar suas culturas, por meio da imposição do modo de vida europeu e do cristianismo.

Vamos pesquisar algum desses elementos? Junte-se em grupo com seus colegas e escolha um item da lista para pesquisar:



Após escolher o elemento, busque informações sobre: o que é, quando surgiu, qual sua função, qual sua ligação com a África e com povos africanos, sua existência no Brasil atualmente. Monte um cartaz ou um post de rede social com essas informações, utilizando também ilustrações do passado e do presente, para expor em forma de mural ou compartilhar virtualmente com o restante da turma.

ATIVIDADE 5 – Palmares e os quilombos

Além das formas de resistência dos escravizados estudadas nas atividades anteriores, houve ainda uma outra, provavelmente a mais impactante: a formação dos chamados “quilombos”. Esse termo vem de kilombo, na língua quimbundo, falada por povos da região onde hoje é Angola, e significava um lugar de pouso utilizado por povos em deslocamento. Depois passou a significar “acampamento guerreiro”. Durante a colonização portuguesa, porém, o poder colonial, por meio do Conselho Ultramarino, criou suas próprias definições de quilombo.

- 1 Veja algumas dessas definições nos documentos a seguir, do período colonial:

“toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”

Conselho Ultramarino ao Rei de Portugal, 1740. In: SCHMITT, Alessandra Schmitt; Maria Cecília M. Turatti; Maria Celina P. Carvalho. Atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, ano V, n. 10, 2002, p. 2.

“Sendo grande a quantidade de negros que sempre tem havido e de contínuo estão entrando no Brasil do princípio de sua primeira povoação até o presente, fogem muitas vezes para os matos ocultos do sertão, aonde vivem em numerosas aldeias, aumentados de muitas crias e de muitos que lhes juntam ou que eles apanham entre os nossos, fazendo-nos grandes danos...”

Governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, c. 1660. Adaptado de: Marcelo D’Saete. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta, 2017, p. 12.

- a) Compare a definição africana (no enunciado) com a definição colonial (nos documentos) de quilombo, destacando as diferenças entre elas.

- b) Considerando que os quilombos no Brasil tinham características dessas duas definições, elabore uma hipótese sobre como eram esses lugares.

Na história do Brasil, o quilombo que se tornou mais famoso foi Palmares. Na verdade, tratava-se de um conjunto de grandes aldeias próximas e interligadas, que existiram durante praticamente todo o século XVII, na região chamada de Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas. Estima-se que Palmares tenha abrigado mais de 20.000 pessoas!

PENSADO A HISTÓRIA

- 2 Leia, no documento seguinte, um relato do senhor de engenho João Fernandes Vieira, em 1677, auge da existência de Palmares, uma descrição sobre esse quilombo:

“Ao lado dos Palmares correm fertilíssimos campos que vão beber ao rio de São Francisco, abundantes gados e lavouras, e cheios de currais, que todo se hão hoje despovoados pelas repetidas invasões dos negros que sem oposição militar assaltam, roubam e destroem todo aquele país, que é a melhor coisa do Brasil.

Neste Palmares em que correm os negros há um lugar, a que chamam Serra da Barriga, que em algum tempo habitaram com fortificações que fizeram de estacadas e fossos para defenderem melhor a grande povoação que aí tinham com todas as conveniências e comodidades para seu sustento, porque os rios lhe davam peixe, os matos caça, os troncos mel e as palmeiras ramos com que cobrem as casas, como também das mesmas folhas fazem panos para se vestirem, além do sal, azeite e vinho, que a indústria humana soube tirar daquelas abundantíssimas e fertilíssimas árvores.

Adaptado de: Relato de autoria presumida de João Fernandes Vieira, 1677. In: Marcelo D'Saete. Angola Janga: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017. p. 56.

OS MAPAS E A HISTÓRIA

- 3 No mapa a seguir, temos a localização aproximada dos diversos núcleos de Palmares, dentro do espaço colonial:

Localização aproximada dos principais sítios do Grande Quilombo de Palmares



Fonte: Laiza Zatti Ramirez Duque. As resistências do quilombo dos Alpes: uma análise a partir de três gerações de mulheres. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 27. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205585>

- a) Considerando os locais representados no mapa, por que os colonos tinham medo dos quilombos?

- b) Imagine como eram as relações entre os quilombos e os espaços coloniais. Você acha que só havia conflitos ou havia também outras relações?

PENSANDO A HISTÓRIA

- 4 As informações que os pesquisadores têm hoje sobre os quilombos mostram que se tratavam de espaços complexos. Leia no trecho abaixo, do historiador Flávio Gomes.

As comunidades de fugitivos proliferaram no Brasil como em nenhum outro lugar, exatamente por conta da capacidade deles de se articularem com as lógicas econômicas das regiões vizinhas. Nunca isolados, mocambos e quilombos realizavam trocas econômicas tanto com escravos como com a população livre: taberneiros, lavradores, faiscaidores, garimpeiros, pescadores, roceiros, camponeses, mascates, quitandeiras. (GOMES In SCHWARCZ & GOMES, 2018, p.368) Em roças, não raras vezes distantes de seus acampamentos e comunidades, quilombolas plantavam e colhiam mandioca, transformando-a - através da moagem, peneiras e forno - em farinha e outros derivados. Embora a farinha fosse importante como um símbolo da organização socioeconômica das comunidades remanescentes, ela não foi a única produção na economia quilombola. Quilombos se dedicavam ao fornecimento de lenha, à fabricação de cerâmica e cachimbos, além de outros utensílios da cultura material. Por meio do comércio, integravam-se às regiões que os cercavam, fazendo uso de intermediários. No Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, prosperou na região da atual Baixada Fluminense uma rede de quilombos. Estes se localizavam entre os rios Sarapuí e Iguaçu, e receberam os nomes de Quilombo do Bomba, Quilombo do Gabriel e Quilombo da Estrela. Cultivavam abóbora e cana-de-açúcar, e ainda comercializavam peixe e caça. Mas a principal base econômica vinha da extração de lenha (conhecida como “lenha do mangue”). Os quilombolas negociavam em larga escala com taberneiros, que em troca de canoas de lenha entregavam mantimentos e demais produtos de que eles necessitavam.

Flávio S. Gomes. Quilombos/Remanescentes de Quilombos. In: Lília M. Schwarcz & Flávio dos S. Gomes (Orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 368 e 369.

- 5 Considerando o texto, crie uma história, um conto ou uma HQ narrando um dia comum de um morador do quilombo. Descreva o que ele vê e faz, destacando as atividades dos outros moradores.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 6 No quilombo dos Palmares, houve várias lideranças, entre elas Dandara e Zumbi. Após décadas de batalhas e investidas contra o quilombo, o poder colonial conseguiu derrubá-lo em 1694, contando com numerosos exércitos e a atuação de mercenários bandeirantes. Muitos negros sobreviventes fugiram para as matas, encontrando ou formando outros quilombos. Até os dias de hoje, o nome de Zumbi e a história de Palmares são lembrados e reivindicados pela população negra brasileira. Em 20 de novembro, comemora-se o Dia da Consciência Negra, data escolhida em homenagem ao dia da morte de Zumbi. Em diversas cidades do país, essa memória é celebrada através de monumentos, instituições, entre outros. A própria Serra da Barriga, local onde ficava Palmares, foi reconhecida como patrimônio histórico brasileiro. Veja nos documentos abaixo uma descrição de Zumbi, feita na própria época por um governador de capitania. Observe também as imagens de alguns desses lugares de memória:

“Negro de singular valor, grande ânimo e constância rara; este é o espectador dos mais, porque a sua indústria, juízo e fortaleza aos nossos serve de embaraço, aos seus serve de exemplo”

Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do Governador D. Pedro de Almeida, 1675-1678. In: Marcelo D'Saete. Angola Janga: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017, p. 108.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centro_Hist%C3%B3rico_de_Salvador_Pra%C3%A7a_da_S%C3%A9_A9_Zumbi_dos_Palmares_2019-6610.jpg



Monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares, Salvador, Bahia.

Como Zumbi é caracterizado no relato? E no lugar de memória retratado?



RODA DE CONVERSA

- Faça uma roda de conversa com sua turma para refletir, considerando os documentos e o aprendizado dessa unidade, qual a importância de se resgatar a figura de Zumbi e a história do Quilombo dos Palmares na atualidade?



ATIVIDADE PRÁTICA

Conforme tudo o que foi estudado, podemos concluir que a definição de “quilombo”, utilizada pelo poder colonial (vista no primeiro exercício), não dá conta da complexidade que eram esses espaços de resistência.

- 1) Utilizando como base todos os documentos estudados e as atividades anteriores, crie um verbete de dicionário histórico com uma nova definição de quilombo do mundo colonial.

- 2) Um quilombo é um espaço de liberdade, mas também de resistência, pois propõe uma outra forma de sociedade, diferente do modelo colonial. Por isso, não foi aceito pela sociedade dominante. Agora, imagine que você está formando um espaço desses nos dias de hoje. Como seria o seu quilombo? Como você dividiria o trabalho e as normas de organização desse espaço? Como viveriam e festejariam os habitantes desse quilombo? Quais seriam os desafios enfrentados? Faça um relato ou desenhos contando suas ideias.

--

A HISTÓRIA E O PRESENTE

- 7 Os quilombos não ficaram somente no passado. Hoje no Brasil existem muitas comunidades consideradas “remanescentes de quilombos”, com histórias diversas, que lutam pelo reconhecimento e direito à posse da terra que ocupam há décadas. Por isso, o conceito de quilombo utilizado no período colonial foi transformado para dar conta da nova realidade dessas comunidades. Veja nos dois textos um pouco sobre esse tema:

Cerca de 5 mil comunidades remanescentes de quilombos encontram-se espalhadas de norte a sul do Brasil, em povoados constituídos por famílias cujo número varia de trinta a 2 mil.

Utilizado oficialmente na Constituição brasileira desde 1988, o termo “remanescentes das comunidades dos quilombos” foi transformado numa definição abrangente e ao mesmo tempo operacional no sentido do reconhecimento dos direitos sobre a posse da terra e a cidadania. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) estabelece que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Garante-se, pois, o direito possessório das terras ocupadas e herdadas por seus antepassados. Ainda assim, muitas comunidades têm enfrentado problemas, motivados, entre outros fatores, pela morosidade dos órgãos estaduais e federais na titulação definitiva de suas terras, na lentidão dos processos que garantem seus territórios e reconhecem a importância dessa que é uma cultura ancestral.

Flavio S. Gomes. Quilombos/remanescentes de quilombos. In: Lilia M. Schwarcz; Flávio S. Gomes (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 373.

Os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

Alessandra Schmitt; Maria Cecília M. Turatti; Maria Celina P. Carvalho. Atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. Ambiente & Sociedade, ano V, n. 10, 2002, p. 2.

- a) Considerando os textos, podemos dizer que os quilombos são espaços apenas relacionados com a fuga de escravizados? Explique.
-
-

b) Forme grupo com seus colegas para conhecer, por meio de pesquisa, uma atual comunidade remanescente de quilombo. Escolha na lista qual será a comunidade pesquisada pelo grupo, investigue e descubra as informações pedidas no roteiro:

- Quilombo Ivaporunduva
- Quilombo do Alto Alegre
- Quilombo São José
- Quilombo Kalunga
- Quilombo do Cafundó
- Quilombo do Frechal

Orientações de Pesquisa:

- 1) Nome e região da comunidade
- 2) Origem, trajetória e relação com a História do Brasil
- 3) Atual condição de reconhecimento, direito e posse das suas terras
- 4) Desafios e problemas enfrentados

UNIDADE 4

As Mulheres no Mundo Colonial: Cotidiano e Trabalho

PRIMEIRAS PALAVRAS

O mundo colonial não era composto apenas por homens. Embora a memória tradicionalmente valorize mais as ações e vivências masculinas, havia também toda uma população feminina habitando e trabalhando nessas terras que deve ser estudada. Com o que elas trabalhavam? Como terá sido seu cotidiano no período colonial, há mais de 400 anos atrás? Não podemos pensar que essa vivência era limitada a uma única maneira de ser e agir. Havia mulheres muito distintas entre si, com personalidades, funções e posições sociais diferentes, que poderiam configurar situações de privilégio ou opressão, dependendo da ocasião. Porém, é fato que todas elas nasceram em uma ordem caracterizada como “patriarcal”, em que há relações de poder e domínio culturalmente legitimadas dos homens sobre as mulheres. Nesta unidade, vamos estudar essa problemática, considerando o que havia de comum e as disparidades entre as experiências das mulheres naquele contexto.





Maria Quitéria

ATIVIDADE 1 – Pensando a História

- 1 Apesar de termos visto a presença das mulheres nas tarefas domésticas e essas tarefas serem importantes, será que todas as mulheres estavam restritas a esses espaços no mundo colonial? Ou será que faziam outras atividades?

Alguns relatos e gravuras do período revelam outras experiências femininas, como nos dois documentos a seguir. O primeiro é o relato do viajante inglês John Mawe, que esteve no Brasil entre 1807 e 1811, e o segundo, uma aquarela de Carlos Julião, datada do século XVIII, retratando uma cena de trabalho:

Na operação de obtenção de ouro, o trabalho pesado é atribuído aos negros do sexo masculino e o trabalho mais leve às mulheres negras. O cascalhão, escavado pelos primeiros nessas covas, é sempre carregado pelas segundas em gamelas, ou bacias, para serem lavados.

Traduzido especialmente para este material a partir de: MAWE, John. Travels in the interior of Brazil. Philadelphia: M. Carre. 1816.



Carlos Julião. Escravizados trabalhando na extração de diamantes. Álbum de aquarelas de Carlos Julião, produzido no século XVIII. Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros dos usos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Oficinas de Sedegra Sociedade Editora e Gráfica Ltda., 1960. Arquivo Nacional, ACG 06370

- a) As gamelas mencionadas por John Mawe são como vasos ou tabuleiros, usadas na atividade mineradora. Identifique nos dois documentos os espaços onde estão as mulheres e descreva o papel delas naquele contexto.

- b) “Considerando o papel central da mineração na economia colonial, os documentos sugerem uma ideia contrária ao que comumente se pensa sobre o trabalho das mulheres no passado”. Reflita sobre essa frase e explique-a, lembrando também dos exercícios anteriores.

Outras referências, como as do exercício anterior, são encontradas nas fontes históricas sobre a sociedade mineradora. Porém, as mulheres também estiveram presentes em outras atividades de destaque na economia colonial, como nos engenhos de açúcar, no plantio e na colheita de outros alimentos agrícolas.

- 2 Leia com atenção os próximos dois documentos sobre esse assunto. O primeiro, escrito pelo padre jesuíta André João Antonil, em 1711, trata da vida e o trabalho nos engenhos de açúcar. Já o segundo é o relato do cronista Everardo Vallim Pereira de Souza sobre a coleta do algodão e confecção dos tecidos no início do século XIX:

As escravas de que necessita a moenda ao menos são sete ou oito, a saber: três para trazer cana, uma para a meter na máquina, outra para passar o bagaço, outra para concertar e acender as candeias, que na moenda são cinco, e para limpar o cocho do caldo e os agulhões da moenda e refrescá-los com água para que não ardam, como também para lavar a cana enlodada; e outra, finalmente, para botar fora o bagaço, ou no rio, ou na bagaceira, para se queimar a seu tempo. [...]

O lugar de maior perigo que há no engenho é o da moenda, porque se por desgraça a escrava que mete a cana entre os eixos, ou por força do sono, ou por cansada, ou por qualquer outro descuido, meteu desatentamente a mão mais adiante do que devia, arrisca-se a passar moída entre os eixos, se lhe não cortarem logo a mão ou o braço apanhado, tendo para isso junto da moenda um facão, ou não forem tão ligeiros em fazer parar a moenda. E este perigo é ainda maior no tempo da noite, em que se mói igualmente como de dia, posto que se revezem as que metem a cana.

Adaptado de: André João Antonil. *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*. São Paulo: Edusp, 1982, p. 54-55.

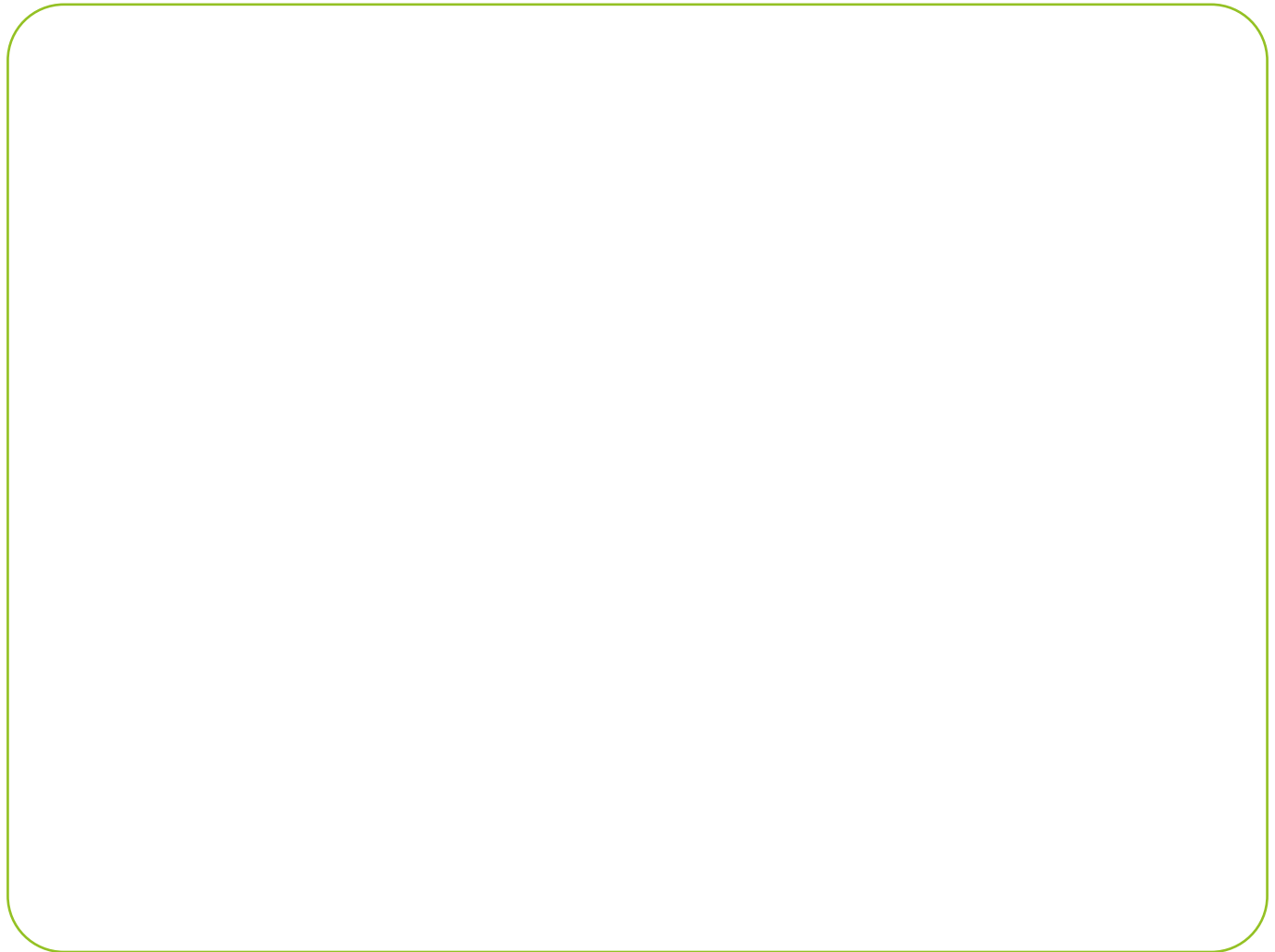
Para a separação das sementes, usavam-se umas engenhocas pequenas, mas muito bem feitas, todas de madeira, denominadas descaroçadeiras, as quais, lateralmente, eram acionadas por duas negrinhas, ficando outras duas encarregadas de alimentar os cilindros e de retirar o algodão livre. Em seguida, era este entregue às fiandeiras - escravas de grande prática no perfeito uso das cardas, dos fusos e das rocas, das quais se obtinha toda a fiação que era, com efeito, excelente. Obtida a fiação, eram os fios regularmente distribuídos nas várias peças de tear - máquina engenhosíssima, toda de madeira e acionada por uma única pessoa, a qual por sua vez movimentava a laçadeira! O tecido assim conseguido era muito bem confeccionado.

Adaptado de: Everardo Vallim Pereira de Souza. Região agrícola bananalense: sua vida e seu esplendor de outrora. In: Moura, Carlos Eugênio Marcondes de (org). **Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: Memórias, Depoimentos, Evocações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013..

- a) Selecione as palavras que você não conhece e realize uma pesquisa sobre o significado de cada uma.

- b) No primeiro trecho, fica evidente o quanto o trabalho nas moendas poderia ser bem perigoso. Imagine que você vive naquela época e pretende denunciar as condições de trabalho precarizadas a uma autoridade local ou a um jornal, para um público que desconhece os trabalhos nos engenhos de açúcar. Como você relataria essa situação? Não deixe de identificar os elementos que indicam o caráter perigoso e abusivo desses trabalhos e apresente ideias para melhorar aquele cenário.

- c) Produza uma charge sobre esse mundo do trabalho, criticando o senhor de engenho ou incentivando as pessoas a lutarem contra essa situação de exploração.



- d) Ainda que estejamos em um contexto diferente daquele retratado no segundo trecho, o trabalho das fiandeiras continua existindo. Algumas mulheres não deixaram de realizar confecções de tecido, muitas vezes utilizando como espaço as suas próprias casas ou pequenas oficinas. Em grupo com seus colegas, busque saber um pouco mais sobre essa tradição que perdura até os dias de hoje. Vocês devem investigar em sua família e comunidade se conhecem quem faça esse trabalho. Em seguida, conversem com essa pessoa e marquem uma entrevista. Procurem saber, por exemplo, como é realizada a confecção de tecidos atualmente; que tipo de instrumentos são usados, se são iguais antigamente; e por quais motivos algumas mulheres continuam a fazer esse trabalho. Relate em um texto (em seu caderno ou em folha separada) as descobertas do grupo. Por fim, compartilhem as informações com o restante da turma! (Caso não seja possível encontrar ou contatar uma pessoa, investigue essas questões na internet através de sites e vídeos)

Por meio dos exercícios, pudemos perceber uma pluralidade de atividades realizadas pelas mulheres trabalhadoras no período colonial, sobretudo as escravizadas. Muito além do trabalho doméstico, elas estavam sujeitas a diversos tipos de trabalho, incluindo as principais atividades da economia colonial, em condições perigosas e de alta exploração.

- 3 Havia também mulheres viajantes que visitaram o Brasil na época colonial e que escreviam diários e relatos. Um dos mais famosos é o da inglesa Maria Graham, entre 1821 e 1823. Enquanto percorria o Brasil, Graham observou e descreveu muitas situações do trabalho e cotidiano feminino. Veja um trecho de quando conheceu uma senhora de engenho:

Dona Mariana conduziu-nos ao engenho onde nos deram bancos colocados perto da máquina de espremer, que são movidos por um motor a vapor, de força de oito cavalos, uma das primeiras, senão a primeira instalada no Brasil. Há aqui 200 escravos e outros tantos bois em pleno emprego. [...] Enquanto estávamos sentados juntos à máquina, D. Mariana quis que as mulheres que estavam fornecendo cana cantassem e elas começaram primeiro com suas canções africanas [...]. Ela lhes disse então que cantassem hinos à Virgem.

Adaptado de: Maria Graham. *Diário de uma viagem ao Brasil, 1824*. In: Mary del Priore. *Mulheres de açúcar: vida cotidiana de senhoras de engenho e trabalhadoras da cana no Rio de Janeiro, entre a Colônia e o Império*. Revista IHGB, Rio de Janeiro, v. 438, jan./mar., 2008, p. 67.

Quais relações entre as diferentes mulheres você identifica no relato? Quais as diferenças no cotidiano delas? Procure relacionar com os documentos anteriores. Você observa algum tipo de preconceito ou discriminação ao D. Mariana impedir que as mulheres cantassem canções africanas?

ATIVIDADE 2 – As mulheres da elite colonial

No final da última atividade, vimos o exemplo de uma mulher da elite colonial, a senhora de engenho D. Mariana. Assim como ela, outras mulheres ocuparam posições de poder, destoando daquelas que estudamos até aqui. Tal fato evidencia a pluralidade de experiências femininas na colônia.

ANÁLISE DE IMAGENS

- 1 Observe as imagens a seguir. Todas são representações de mulheres da elite colonial. Nelas, são retratadas as portuguesas Carlota Joaquina, Rainha do Brasil e esposa de D. João VI, e Marquesa de Bellas, que veio ao Brasil junto da família real em 1808, respectivamente:



Jean-Baptiste Debret. Rainha Carlota Joaquina do Brasil, 1816;
Nicolas Antoine Taunay. Marquesa de Bellas, D. Constança, 1816. Brasileira Iconográfica.

- a) Descreva em detalhes cada uma das mulheres, identificando os elementos que caracterizam sua posição social.

- a) Por que, no início do texto, a autora afirma que a história condenou as mulheres à condição de anonimato? O que significa essa frase?

- b) Segundo a historiadora, quais ações de Benta Pereira e Mariana Barreto proporcionaram uma mudança nessa condição?



ATIVIDADE PRÁTICA

Quem será que foram as outras mulheres que participaram da revolta de Benta Pereira? Será que também pertenciam à elite? Ou será que houve tentativa de aliança com outras mulheres? Quais acordos podem ter havido para que outras mulheres aderissem à revolta? Essas são algumas das perguntas que historiadores estão tentando responder, porém ainda faltam muitas pesquisas.

- 1) Agora vamos fazer um exercício de imaginação. Levando em consideração o que foi aprendido, narre uma história fictícia que procure responder a essas perguntas. Você pode ser um cronista divulgando as últimas informações do confronto, pode ser alguém que esteve junto à revolta e escreve um diário, ou então uma espécie de advogado, defendendo na justiça as mulheres insurgentes. Use a criatividade!

A large rectangular area with horizontal lines for writing, framed by a light green border. The area contains 20 horizontal lines, providing space for text or notes.

PENSANDO A HISTÓRIA

Geralmente, as mulheres da elite já descendiam de famílias muito poderosas, eram brancas e descendentes de portugueses ou europeus. No entanto, é possível encontrar experiências diferentes, de mulheres de outros estratos sociais que conseguiram ascensão social.

Provavelmente, o caso mais conhecido é o de Francisca da Silva de Oliveira, mais conhecida como Chica da Silva. Uma moça de mãe negra e pai português que foi comprada e depois alforriada por João Fernandes de Oliveira, explorador de diamantes e membro da elite da região das Minas. Os dois passaram a viver juntos e Chica da Silva conseguiu integrar as elites coloniais. Porém, na nova posição sua vida também foi repleta de obstáculos. Leia alguns trechos de pesquisas da historiadora Júnia Furtado, para refletir sobre a complexidade da vida dessa personagem:

Como Chica da Silva, outras forras reuniram entre as paredes de suas casas objetos que permitiram sua inserção na sociedade branca. A posse da cultura material — representada pelos móveis, a indumentária, as joias, os utensílios de cama e mesa próprios da cultura europeia — fez com que essas mulheres imitassem o comportamento, a forma de vestir-se e adornar-se das senhoras da elite portuguesa. Dessa forma distanciavam-se cada vez mais do mundo da senzala onde nasceram. (FURTADO, 2003, p.143)

No entanto, uma vez inseridas na sociedade dos homens livres, e sem possibilidade de retorno, a única maneira de diminuir a desclassificação social e o estigma que sua origem lhes conferia era dispor dos mesmos mecanismos de sobrevivência e promoção dos brancos. O primeiro deles era a compra de um escravo, o que permitia que se afastassem do mundo do trabalho. As mulheres forras que registraram testamento no Tejuco durante o século XVIII tinham nos seus escravos não só o principal meio de acúmulo de pecúlio, como igualmente de afirmação social.

Como o contratador, Chica da Silva apadrinhou diversas crianças e casais no Tejuco. Porém, a lista de afilhados nos indica que sua condição de parda e forra foi determinante para limitar sua escolha como madrinha de crianças de status igual ou inferior ao seu. (FURTADO, 2003, p.161)

Após esse evento, diferentemente de João Fernandes, os que a chamaram de modo geral não estavam entre a elite branca do arraial — em geral eram escravos ou forros.

Júnia F. Furtado. Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 143-144 e 161.

No decorrer dos anos após a morte de Chica da Silva, muitos mitos foram criados sobre a sua história. Um deles afirma que sua trajetória comprovava a existência de uma “democracia racial” na colônia, ou seja, a inexistência de um racismo violento, já que mulheres negras e mestiças poderiam ascender socialmente e integrar a elite. Outro mito propõe que Chica da Silva foi uma grande defensora dos direitos dos negros e precursora da luta pela abolição da escravidão. No entanto, muitas pesquisas contrariam essas perspectivas, como a da historiadora Júnia Furtado, estudada nessa atividade.

- 4 Com base nos trechos destacados e nos acontecimentos da vida de Chica da Silva, discuta com seus colegas e elabore um texto que explique os motivos dessas duas versões sobre ela não serem verdadeiras, mas mitos históricos.

ATIVIDADE 3 – Sociabilidades, festejos, convivências e educação das mulheres

Nas atividades anteriores, vimos que as mulheres poderiam ter condições sociais variadas, algumas vivendo situações de escravidão, precariedade e dominação, outras com privilégios, integrando a elite. Elas trabalhavam no espaço doméstico das Casas Grandes, nos engenhos de açúcar e até mesmo nas zonas de mineração. Em quais outros espaços elas poderiam atuar? Será que nesse ambiente de trabalho também não podemos perceber a esfera do convívio e do contato com outras pessoas? Como se dava essa dinâmica?

ANÁLISE DE IMAGENS

- 1 As imagens a seguir representam as quitandeiras, também chamadas de “negras de tabuleiro”, transitando por vários espaços:



Carlos Julião. *Negras vendedoras de rua*, c. 1780. Biblioteca Nacional Digital.



Henry Chamberlain. *Quitandeiras da Lapa*, 1819-1820. Museu de Arte de São Paulo.

Descreva cada imagem indicando as ações das quitandeiras, suas vestimentas e o espaço em que estão inseridas.

A HISTÓRIA E O PRESENTE

- 2 Algumas quitandeiras eram mulheres livres ou libertas e trabalhavam vendendo os produtos para garantir seu sustento. Outras delas eram escravizadas e, por isso, obrigadas a repassar a maior parte do dinheiro de suas vendas aos senhores. Uma parte do que ganhavam, porém, ficava com elas. Foi dessa forma que muitas quitandeiras conseguiram acumular o suficiente para comprar sua liberdade, como estudamos nas cartas de alforria. Em ambos os casos, as quitandeiras tinham maior mobilidade nos espaços na cidade do que boa parte das outras mulheres. Assim, elas transitavam de casa em casa, de praça em praça, vendendo seus produtos e estabelecendo contatos com muita gente.
- a) Considerando essas informações e as imagens do exercício anterior, pode-se dizer que as quitandeiras tinham mais liberdade do que a maioria das trabalhadoras do mundo colonial? Explique.

- b) Atualmente, você vê pessoas fazendo atividades parecidas com as quitandeiras da colônia? Cite alguns exemplos e descreva suas atividades, destacando semelhanças e diferenças com relação às quitandeiras estudadas.

- 3 Considerando o que aprendeu até aqui, crie uma história em quadrinhos sobre uma moça quitandeira que, depois de muito trabalhar, conseguiu comprar a sua carta de alforria. Imagine as dificuldades que enfrentou para acumular os bens e a alegria da conquista da liberdade.

A HISTÓRIA E O PRESENTE

- 4 Mas nem tudo na vida dessas mulheres era trabalho! Havia diversas festividades e cerimônias que faziam parte de seu cotidiano. Na próxima imagem, de 1780, o pintor Carlos Julião, registrou uma dessas atividades, envolvendo encenações, danças e músicas, destacando a participação feminina: a “Coroação da rainha negra na festa de Reis”.

Carlos Julião.
Coroação da Rainha
negra na festa de Reis,
c. 1780. Biblioteca
Nacional Digital.



- a) Descreva a cena da imagem, destacando detalhes como a vestimenta, os objetos e as ações das mulheres. Como você imagina que deve ser o som que elas estão tocando?

- b) Festas semelhantes a essa continuam ocorrendo atualmente. Assista trechos de um vídeo sobre o Congado, disponível no link <https://vimeo.com/244178213>. Em seguida, registre o que você viu e relacione com a cena da imagem.



- c) Você conhece alguma festa ou cerimônia semelhante? Pode ser do seu bairro, família, instituição religiosa, ou de outra cidade que você tenha visitado. Discuta em grupo com seus colegas, compartilhando suas experiências. Registre alguns exemplos.

- d) Qual a importância para as comunidades, no período colonial e no mundo contemporâneo, da existência e participação nesses eventos?

Existiam ainda outras formas de sociabilidade vivenciadas pelas mulheres no período colonial, como os conventos e os recolhimentos. Os recolhimentos eram casas de reclusão voltadas para a educação feminina, com forte aspecto religioso, embora não fossem ligadas diretamente à Igreja. Muitos recolhimentos acabaram se transformando em conventos.

- 5 No documento a seguir, o Conde de Aguiar, governador da capitania da Bahia, escreveu uma carta para Antonio José da França e Horta, governador da capitania de São Paulo, avisando sobre a autorização do Príncipe Regente para que duas mulheres construíssem um recolhimento e uma casa de educação na então vila de Sorocaba:

Para Antonio José da França e Horta,

Sendo requerido D. Manuela de Santa Clara e Rita de Santa Ignez, da Villa de Sorocaba dessa capitania, a fundação e estabelecimento de um recolhimento, e a casa de educação de mulheres. Foi o Príncipe Regente nosso senhor servido [...] tornando a requerer, que [...] lhes fosse lícito começar este estabelecimento unicamente com seis educandas, enquanto se não estabelecia patrimônio suficiente para maior número. É o mesmo senhor servido permitir-lhes faculdade, e ordena, que Vossa senhoria não ponha a isso embaraço algum. Deus guarde a vossa senhoria.

Palácio do Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1810.

Conde de Aguiar

Carta do Conde de Aguiar a Antonio José da França e Horta, 22 jun. 1810. In: Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira. Disponível em: <http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5347>.

Esse documento foi enviado devido ao pedido de D. Manuela de Santa Clara e Rita de Santa Ignez, feito anteriormente ao Príncipe Regente D. João VI. Como pode ter sido a carta dessas mulheres à autoridade máxima do reino? Imagine que você é uma delas e escreva a carta para convencê-lo. Na carta deve ficar explícita a importância desse recolhimento e da casa de saber para as mulheres do local.

- 6 As mulheres indígenas e suas descendentes também buscaram acessar o letramento. Nesse sentido, Madalena Caramuru é o grande exemplo. Veja um resumo de sua história:

Madalena era uma das filhas do naufrago português Diogo Álvares Correia, mais conhecido como Caramuru, e da indígena tupinambá Paraguaçu, que adotou o nome cristão de Catarina do Brasil. A família morava no povoado de Salvador, na Bahia. Em 1534, ela se casou com Afonso Rodrigues, nascido em Óbidos, Portugal, que foi quem a alfabetizou.

Depois de instruída, Madalena se manifestou em defesa do povo diante dos portugueses. Em 26 de março de 1561, ela escreveu uma carta para o padre Manuel da Nóbrega, chefe da primeira missão jesuítica enviada ao Brasil, em 1549. No documento, ela exigia o fim dos maus-tratos às crianças indígenas e o início da educação feminina, oferecendo uma ajuda financeira para que isso acontecesse. Ele acatou suas ideias, recorrendo à rainha de Portugal, d. Catarina, para conseguir a autorização necessária para colocá-las em prática.

A Corte portuguesa, no entanto, julgou a iniciativa perigosa, vetando o pedido. Com essa correspondência, que se perdeu com o tempo, Madalena não se tornou apenas a primeira mulher a interpretar e usar o código linguístico na história do país, como também a primeira a usá-lo para lutar pela ampliação da educação.

Foi apenas em meados do século XVIII que as meninas passaram a frequentar as escolas brasileiras, mas com muitas restrições.

a) Identifique no texto os motivos de Madalena Caramuru ficar marcada na história.

b) Por que motivo você acredita que a Coroa Portuguesa considerou a iniciativa de Caramuru perigosa?

ANÁLISE DE IMAGENS

7 Os conventos eram lugares em que as mulheres eram colocadas em reclusão. Muitos pais enviavam suas filhas, para não ter que pagar dotes aos futuros genros, ou como punição às meninas. Porém, também eram lugares em que havia acesso das mulheres aos livros e ao conhecimento. Em toda a América Colonial, diversas moças foram alfabetizadas nesses espaços. Algumas figuras se destacaram devido a essa educação, caso da freira Sórora Juana Inés de la Cruz, no México. Observe o retrato dela feito pelo artista Miguel Cabrera:



Miguel Cabrera. Retrato de Sor Juana Inés de la Cruz, c. 1750.

Esse retrato é uma representação feita após a morte de Juana de la Cruz. No entanto, é possível perceber elementos que caracterizam sua personalidade, destacados pelo artista. Identifique esses elementos e seus significados.

A HISTÓRIA E O PRESENTE

- 8 Sórora Juana Ines de la Cruz nasceu e viveu no final do século XVII, na região do atual México, na época, colônia espanhola. Tornou-se conhecida pelo apego aos livros e por ser uma mulher escritora. Além disso, envolveu-se em uma série de debates e foi defensora do direito de educação para as mulheres. Criticava também o machismo daquela sociedade, um dos fatores que restringia as mulheres aos espaços de oração, impedindo-as de escrever. Leia trechos de um de seus poemas, “**Homens néscios**”:

Homens néscios que acusam
a mulher, sem razão,
sem ver que são o motivo
do mesmo que culpam;
(...)
Com o favor e o desdém
terão condição igual
queixando se os tratam mal
burlando-os se os querem bem
Opinião, nenhuma ganha,
pois aquela que é mais recatada,

se não os admite, é ingrata
e se os admite, é leviana
Sempre tão néscios andais,
que, com nível desigual,
você culpa uma por ser cruel
e a outra por ser fácil culpam
Então como deve ser temperada
aquela que quer o seu amor?
Se a ingrata te ofende
e a fácil te enfada?

- a) Qual é a principal crítica de Juana Inés de la Cruz aos homens da sua época? Cite um motivo para ela descrevê-los como “néscios” (ignorantes, estúpidos).

- b) Você acredita que essa crítica ainda faz sentido nos dias atuais? Explique.

- c) Agora é a sua vez. Produza um poema ou letra de música com uma crítica criativa sobre alguma injustiça que afeta as mulheres nos dias de hoje. Utilize as discussões dessa unidade como base. Faça uma rodada de sarau para compartilhar as produções da turma!

ATIVIDADE 4 – Mulheres guerreiras no passado e as lutas no presente

Para além das vivências estudadas, houve mulheres no período colonial que foram guerreiras, pegaram em armas, lideraram batalhões e tornaram-se inspiração para as gerações futuras. Nessa atividade, vamos conhecer algumas delas: Maria Quitéria de Jesus, Bárbara Alencar e Tereza de Benguela.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 1 Quando foi declarada a independência do Brasil, alguns comandantes não aceitaram e fizeram resistência em nome da metrópole portuguesa. Assim, para garantir a libertação da colônia em uma nação soberana, foram organizadas tropas contra aqueles que eram leais a Portugal. Ocorreram conflitos em diversas partes do país. Maria Quitéria de Jesus viveu nesse contexto e participou das guerras de independência, na região da Bahia. Leia o texto a seguir, em que a viajante Maria Graham conta um pouco sobre a trajetória dela. Depois, observe a imagem que representa essa personagem:

Dona Maria me contou vários detalhes sobre o país, e mais sobre suas próprias aventuras. Parece que, no início da última guerra do Recôncavo, emissários atravessaram o país em todas as direções, para levantar recrutas patriotas; que um deles chegou à casa de seu pai um dia na hora do jantar; que seu pai o convidou para entrar, e que depois da refeição ele começou a falar sobre o assunto de sua visita. Ele falou da grandeza e das riquezas do Brasil, e da felicidade que ele poderia alcançar se fosse independente. Ele expôs a longa e opressiva tirania de Portugal; e a baixeza de se submeter a ser governado por um país tão pobre e degradado. Ele falou longa e eloquentemente sobre os serviços que D. Pedro havia prestado ao Brasil; de suas virtudes e das da Imperatriz: de modo que, por fim, disse a moça, “senti meu coração arder em meu peito”. Seu pai, no entanto, não tinha nada do entusiasmo de caráter dela. Ele era velho e disse que não poderia se juntar ao exército, nem tinha um filho para mandar para lá; e quanto a dar um escravo para as fileiras, que interesse teria um escravo em lutar pela independência do Brasil? Ele deveria esperar pacientemente o resultado da guerra e ser um súdito pacífico para o vencedor. Dona Maria saiu furtivamente de casa para a casa de sua própria irmã, que era casada e morava a uma pequena distância. Ela recapitulou todo o discurso do estranho e disse que desejava ser um homem para poder se juntar aos patriotas. “Não”, disse a irmã, “se eu não tivesse marido e filhos, pela metade do que você diz, eu me juntaria às fileiras do Imperador”. Isso foi o suficiente. Maria recebeu algumas roupas pertencentes ao marido de sua irmã para equipá-la; e como seu pai estava prestes a ir a Cachoeira para vender alguns algodões, ela resolveu aproveitar a oportunidade de cavalgar atrás dele, perto o suficiente para proteção em caso de acidente na estrada, e longe o suficiente para escapar da detecção. Finalmente, ao avistar Cachoeira, ela parou; e saindo da estrada, equipou-se com trajes masculinos e entrou na cidade.

Traduzido, especialmente para este material, de: GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to Brazil and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823.* (Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823.) London : Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, and J. Murray. 1824, P. 292. Disponível em: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados <https://bd.camara.leg.br/bd/items/72c5d04a-f95e-4868-ad7a-a-da7689fe89f/full> Último acesso em 26/04/2024.

a) Qual problema Maria Quitéria enfrentou?

b) Como ela resolveu esse problema?

Na verdade, Maria Quitéria acabou descoberta pelo exército, a partir de uma denúncia de seu pai. Porém, devido ao seu desempenho e valentia nas batalhas, ela não foi expulsa e conseguiu um lugar nas tropas. Sua própria farda foi adaptada com uma espécie de saia, como mostra a imagem anterior.

2 Agora elabore um conto sobre um dia na vida de Maria Quitéria durante os eventos da Guerra de Independência na Bahia. O que ela teve que fazer para esconder a sua verdadeira identidade? O que ela esperava ao lutar pela independência do Brasil?



Domenico Failutti. Maria Quitéria, 1920.
Museu Paulista.

PENSANDO A HISTÓRIA

- 3 Próximo ao contexto vivido por Maria Quitéria, existiram outros exemplos de mulheres lutando em movimentos de independência ou de revolução ao redor do país. Conheça uma dessas histórias, da pernambucana Bárbara de Alencar:

A história da matriarca da família Alencar, que liderou importantes movimentos políticos e sociais, é pouco conhecida mesmo no seu estado natal, Pernambuco. Aos 57 anos, já viúva, ela se tornou uma das primeiras prisioneiras políticas da história do Brasil, ao lutar contra o domínio da Coroa portuguesa. Mas essa não foi sua única batalha. Após a Independência do país, continuou contestando o autoritarismo, opondo-se às políticas centralizadoras da primeira Constituição do Império. (SOUZA & CARARO, p.20)

Quando adulta, ela passou a atuar como líder comunitária e política de uma maneira tão impactante que seu legado resistiu à falta de registros em documentos oficiais: foi a partir da tradição oral que muitos historiadores resgataram sua trajetória. (SOUZA & CARARO, p.22)

Em 1817, eclodiu a Revolução Pernambucana, um movimento que desejava que o Brasil fosse emancipado e deixasse de ser colônia. Alguns dias depois, em 8 de março, foi proclamada a República em Recife, que pretendia implantar uma nova Constituição no país.

Filho de Bárbara, José Martiniano era líder da revolução e o maior político do Ceará dessa época. Ele foi para o Cariri reunir seus familiares e, do púlpito da igreja da Sé, no Crato, comandou uma passeata, ao lado da mãe, em direção à Câmara Municipal. Ao chegar ao local, retirou a bandeira da Coroa portuguesa e fincou uma branca, da República, em seu lugar.

A repressão foi dura: no mesmo ano, a matriarca e seus familiares foram presos e acusados de traição ao governo. Ela foi torturada e encarcerada em condições deploráveis e insalubres em uma das celas da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, no Ceará. Detida durante quatro anos, Bárbara foi transferida para prisões em Recife e Salvador.

SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. Extraordinárias : mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo : Seguinte, 2022. pp.20-22.

- a) Identifique no texto por quais causas Bárbara de Alencar lutou.

- 4 Para as mulheres negras, escravizadas ou livres, a luta pela liberdade era constante. Muitas conseguiram fugir e juntaram-se aos quilombos, que você estudou na unidade anterior. Mais do que isso, algumas chegaram a se tornar lideranças dos quilombos, como foi o caso de Tereza de Benguela. Veja uma descrição dela a seguir:

Tereza de Benguela

Depois da morte do marido José Píolho, Tereza de Benguela tornou-se a líder do Quilombo do Quariterê, na região do atual Mato Grosso, entre a cidade de Cuiabá e o rio Guaporé, durante os anos de 1750 e 1770. Lutou para o que o quilombo não se desagregasse e instaurou uma forma de administração em que havia um conjunto de conselheiros que eram ouvidos antes de tomar alguma decisão. Seu reconhecimento como personalidade importante da História do Brasil, no entanto, foi bastante tardio. Apenas no ano de 2014 foi instaurada a Lei nº 12.987, que reconhece Tereza de Benguela no “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria”.

- a) Por que você acha que ela foi reconhecida oficialmente como “heroína da pátria” apenas nos anos 2000, mais de duzentos anos após sua vida?

PARA SABER MAIS

Para que você possa aprofundar seus conhecimentos nos diversos temas de cada unidade, indicamos a seguir uma lista de livros, filmes, séries e músicas.

Unidade 1 - A Expansão Ultramarina e as Conexões Intercontinentais

Livros

- **Cristóvão Colombo. Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1998.**
Livro com os relatos do famoso navegador sobre suas quatro viagens. Trecho disponível gratuitamente online em: https://www.lpm.com.br/livros/imagens/diarios_da_descoberta_da_america.pdf.
- **Eduardo Bueno. Naufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições do Brasil. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.**
Livro trata das histórias dos primeiros europeus que aportaram na América Portuguesa, entre 1500 e 1530 e foram fundamentais para o intermédio entre os indígenas e europeus no desenrolar da história.
- **Luís Vaz de Camões. Os Lusíadas. Domínio público; Fido Nesti. Os Lusíadas – em quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2006.**
Um dos grandes clássicos de língua portuguesa, a obra de Camões é uma poesia épica que narra e fantasia sobre as viagens das Grandes Navegações. Conta com uma adaptação brasileira em quadrinhos. Versão original disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>.
- **Marina de Mello e Souza. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2008**
Livro paradigmático que traz um panorama sobre as sociedades africanas antes dos europeus, o impacto do comércio de escravos para a América e a integração dos descendentes de africanos do outro lado do Atlântico.

Textos e Sites

- **Davi Kopenawa Yanomami. Sonho das origens/Descobrimdo os brancos. Instituto Socioambiental (ISA): Povos Indígenas no Brasil.**
Versão integral do texto trabalhado na última sequência desta unidade, em que Davi Kopenawa explica mais sobre a visão de seu povo a respeito dos brancos e da história do Brasil, questionando as narrativas oficiais do “descobrimento”. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Sonho_das_origens/Descobrimdo_os_Brancos.
- **Rainer Souza. As especiarias indianas. Brasil Escola.**
Para aprofundar os conhecimentos sobre o interesse que as especiarias despertavam nos europeus, com explicações sobre algumas delas. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/as-especiarias-indianas.htm>.
- **Talita Lopes Cavalcante. Os monstros marinhos em mapas medievais. Museu de imagens.**
O site explora algumas imagens sobre os monstros marinhos e o imaginário de fins da Idade Média. Disponível em: <https://www.museudeimagens.com.br/monstros-marinhos/>.

Filmes, Documentários e Vídeos

- **Edwandro Magalhães. Como Magalhães circum-navegou o globo. Canal TED-Ed, 2017.**
Animação conta a história da viagem de Fernão de Magalhães, primeira expedição a completar a volta ao redor do globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFdiX8mj0Es>.
- **Eduardo Bueno. A navegação de Cristóvão Colombo. Canal Buenas Ideias, 2020.**
Detalhes e curiosidades sobre a trajetória e as viagens de Cristóvão Colombo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E-tUEH6MdeQ>.
- **Kiriku e a feiticeira. Direção: Michel Ocelot., 1998, 1h14m., colorido.**
Baseado em tradições orais da África Ocidental, a animação conta a história de um pequeno menino que precisa salvar sua aldeia de uma feiticeira malvada. contos e mitologias africanas, a animação.

Redes Sociais, Jogos e Material Virtual Interativo

- **Biombo Namban e a Chegada dos Portugueses no Japão. Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA). Google Arts & Culture.**
Nessa página é possível explorar em detalhes o biombo Namban, estudado no início desta unidade. Além de recortes com zoom de suas diversas partes, há algumas explicações e curiosidades sobre essa obra de arte. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/4QKC6G7SnDGfKw?hl=pt-PT>
- **Instagram, Canal de Youtube e Site Comer História.**
Projeto de divulgação científica que, além de falar sobre História da Alimentação, ensina diversas receitas. Parte do conteúdo trata sobre as especiarias. Disponível em: @comerhistoria, <https://www.youtube.com/c/comerhistoria> e <https://www.comerhistoria.com/>.

Unidade 2 - Povos Indígenas nas Américas

Livros

- **Daniel Munduruku. Memórias de índio: uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2018.**
O premiado autor indígena, estudado nesta unidade, conta um pouco da história de sua própria vida, porém utilizando recursos ficcionais, a partir de referências e ancestralidades da cultura do povo Munduruku.
- **Vitor FlynnPaciornik. Xondaro. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo e Editora Elefante, 2016.**
Nesta HQ é narrada um pouco da história recente das lutas do povo Guarani por reconhecimento e demarcação de seus territórios no bairro do Jaraguá, em São Paulo.

Textos e Sites

- **Fabiano Onça. Batalha de Little Big Horn: as vítimas do maior genocídio do século 19. Aventuras na História, 25 jun. 2019.**
Artigo de revista de divulgação científica explora um dos conflitos discutidos na unidade, a Batalha de Little Big Horn entre os indígenas Sioux e o exército dos Estados Unidos, no período da expansão para o Oeste. Disponível em: <https://bityli.com/TKUowhE>
- **Gustavo Costa Zanfer. Guarani em São Paulo: a comunidade indígena do Jaraguá. Jornalismo Junior, 04 set. 2020.**
Reportagem explora a situação atual e a história dos povos guarani na cidade de São Paulo, na região do Jaraguá. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/guarani-em-sao-paulo-a-comunidade-indigena-do-jaragua/>
- **Povos Indígenas no Brasil Mirim. Instituto Socioambiental (ISA).**
Portal com diversos conteúdos sobre os povos indígenas, com linguagem acessível ao público escolar. O material busca romper as ideias erradas sobre os indígenas e destacar a pluralidade de culturas e experiências existentes no Brasil. Excelente para aprofundar na temática desta unidade, além de ser um bom instrumento de pesquisa. Disponível em: https://mirim.org/pt-br/institucional/quem_somos.

Filmes, Documentários e Vídeos

- **Guerras do Brasil.doc – Guerras da Conquista. Direção: Luiz Bolognesi, 2019, Netflix.**
Série de documentários que aborda guerras e conflitos do Brasil. No primeiro episódio, historiadores, pesquisadores e lideranças indígenas discutem o genocídio indígena desde a colonização da América.
- **Entrevista com Niede Guidon. Canal Bluevision, 2019.**
Além de contar com uma entrevista com a famosa arqueóloga brasileira, o vídeo mostra imagens dos principais parques nacionais e museus da nossa arqueologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipM4DAbiFVk>
- **Vídeo nas Aldeias (VNA), 1986-presente.**
Site do projeto, com inúmeros curta-documentários sobre os povos indígenas feitos por eles próprios em suas aldeias, contando suas histórias e aspectos de suas culturas. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php>
- **Povos Indígenas do Brasil. Canal Wari'u, 2018.**
Neste vídeo, Cristian Wari'u discute a atualidade dos povos indígenas no Brasil, além de desconstruir mitos e estereótipos popularmente adotados pelos não-indígenas. Uma ótima introdução para aprender sobre eles. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=unkN-JF_mINQ.

Redes Sociais, Jogos e Material Virtual Interativo

- **Museu Nacional. Exposição Virtual Arqueologia: Arqueologia Brasileira e Pré-Colombiana.**
Portal permite aprofundar nos objetos do Museu Nacional, utilizados nas primeiras atividades desta unidade, e conhecer muitos outros. Parte do acervo do museu pode ser consultado, com destaque para o material encontrado em sambaquis e para a arqueologia pré-colombiana e brasileira. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/>
- **Sambaquis – Uma história antes do Brasil. Por Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE) e Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP).**
Jogo desenvolvido inteiramente por arqueólogos em que o jogador vivencia o cotidiano de um grupo indígena cerca de 3000 anos atrás, explorando as regiões de sambaquis. Disponível para smartphone e PC, gratuitamente em: <http://www.arise.mae.usp.br/sambaquis/>.
- **Visita Virtual à Caverna Lascaux, na França.**
Site permite a visita interativa a uma caverna antiga na França, repleta de pinturas rupestres de cerca de 19.000 anos. Apesar de não estar disponível em português, o site é intuitivo e proporciona uma ideia das pinturas rupestres e da estrutura de uma caverna milenar. Disponível em: <https://archeologie.culture.fr/lascaux/fr>

Unidade 3 – Escravidão e Diáspora Africana no Brasil

Livros

- **Marcelo D'Salete. Angola Janga: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.**
Livro que conta a história do quilombo de Palmares em formato de quadrinhos. Traz também uma série de informações, textos e documentos da época colonial sobre o tema.
- **Marcelo D'Salete. Cumbe. São Paulo: Veneta, 2014.**
Também em HQ, o livro conta histórias de luta e resistência dos negros contra a escravidão no Brasil.
- **Lília M. Schwarcz & Flávio Gomes. Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.**
Lançado na data dos 130 anos da abolição da escravidão, a obra reúne textos dos pesquisadores mais renomados das Ciências Humanas sobre os diversos aspectos da história da população negra no Brasil, durante e após a escravidão. Excelente introdução aos diversos temas, com linguagem acessível.
- **Mahomah G. Baquaqua. Biografia de Mahomah Gardo Baquaqua: um nativo de Zoogoo, no interior da África. São Paulo: Editora Uirapuru, 2017.**
Texto biográfico de um africano escravizado e trazido para o Brasil. Depois, libertou-se e passou parte de sua vida nos Estados Unidos.

Textos e Sites

Joelza Ester Domingues. 12 lugares de memória da escravidão na África, Caribe e no Brasil. Ensinar História Joelza, 2015.

Compilado com 12 locais de memória da escravidão, entre monumentos, portos e museus, que conectam e problematizam as duas pontas do Atlântico e o processo do tráfico de escravizados. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/11-lugares-de-memoria-da-escravidao-na-africa-e-no-caribe/>

Instituto Pretos Novos – Museu e Memorial

Conheça o Instituto Pretos Novos, fundado em um território que foi um cemitério de pessoas escravizadas no Rio de Janeiro do século XIX. No site é possível acessar documentos sobre a escravidão, os territórios negros no Rio de Janeiro e explorar a arqueologia desse local. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/ipn/>

Filmes, Documentários e Vídeos

- **Guerras do Brasil.doc – As Guerras de Palmares. Direção: Luiz Bolognesi, 2019, Netflix.**
Nesse episódio da série sobre os conflitos do Brasil, a escravidão negra é o foco. São discutidos os quilombos, com destaque para a formação, consolidação e destruição de Palmares.

- **Natiruts. Palmares 1999. Povo Brasileiro. EMI, 1999.**
Videoclipe da música de Natiruts. Na letra a banda problematiza o apagamento da história da população negra nas narrativas oficiais e a apropriação de elementos da cultura negra pelos brancos e pela classe dominante. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=inO_snx5yMQ
- **A Negação do Brasil. Direção: Joel Zito Araújo, 2000, colorido e p&b.**
Esse documentário parte da história da telenovela brasileira e analisa o papel atribuído aos negros nessas produções, sempre em posições secundárias, subalternas e negativas. É uma boa discussão sobre representatividade e os efeitos do racismo na cultura do país.

Redes Sociais, Jogos e Material Virtual Interativo

- **Jogo Angola Janga: a Picada dos Sonhos.**
Jogo 2D baseado na HQ Angola Janga: uma história de Palmares, de Marcelo D'Saete. Com elementos de aventura e quebra-cabeça, o jogador precisa encontrar o caminho até o Quilombo dos Palmares. Disponível em: <https://www.suethereal.com/angolajanga>.
- **Museu Afro Brasil. Exposições Virtuais. Google Arts & Culture.**
Nesta página, o Museu Afro-Brasil disponibiliza a exploração virtual de diversas de suas exposições permanentes. O visitante pode circular pelo acervo do museu, com textos explicativos, aprofundando o conhecimento na cultura e história africana e afro-brasileira. Destaca-se as exposições “Design e tecnologia na escravidão” e “Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão”, trabalhadas diretamente nas atividades dessa unidade. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-afro-brasil>.
- **Slate. O Tráfico Atlântico de Escravizados em 2 Minutos.**
Com base nos dados de viagens de navios negreiros, o site oferece a animação de um mapa interativo com o fluxo de escravizados entre os continentes africano e americano. Apesar do texto em inglês, pela animação é possível compreender a dinâmica desse comércio ao longo do tempo, visualizar os países que mais receberam pessoas nessa condição e ter a dimensão desse processo. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2021/09/atlantic-slave-trade-history-animated-interactive.html>

Unidade 4 – As Mulheres no Mundo Colonial: Cotidiano e Trabalho

Livros

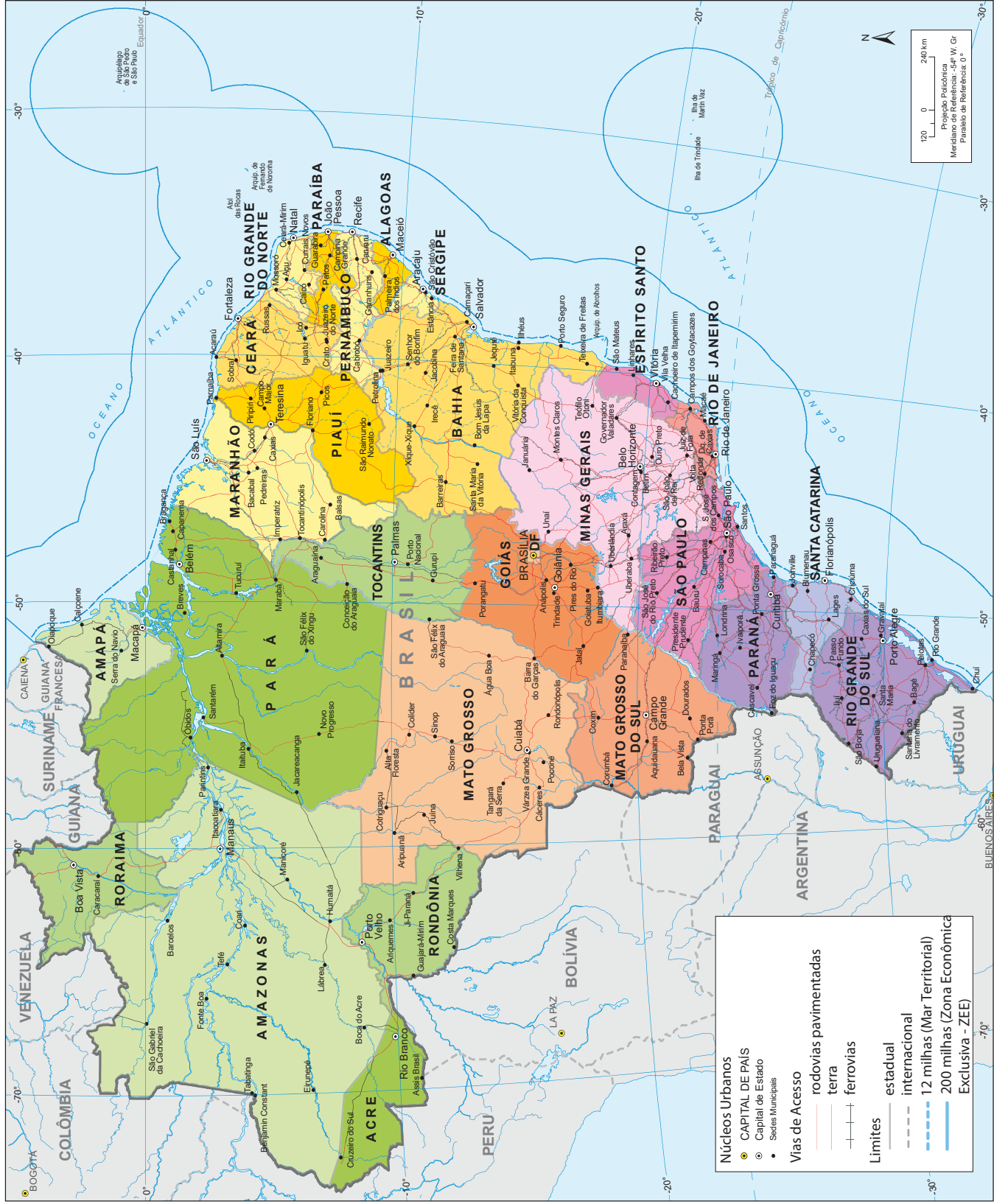
- **Duda Porto de Souza e Aryane Cararo. Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.**
Livro infantil que apresenta diversas mulheres que impactaram a História do Brasil desde o mundo colonial até os dias de hoje. Algumas mulheres estudadas nessa unidade são objeto do livro, como Barbara de Alencar, Madalena Caramuru e Dandara dos Palmares, além de muitas outras para conhecer.

Textos e Sites

- **Carolina Cunha. Fiandeiras, tecelãs e tintureiras resgatam orgulho e tradição no sertão de Minas Gerais. National Geographic Brasil, 2019.**
Texto mostra um exemplo de grupos de mulheres fiandeiras que têm resgatado e revalorizado saberes e tradições artesanais, como as fiandeiras da região de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/12/fiandeiras-tecelas-e-tintureiras-resgatam-orgulho-e-tradicao-no-sertao-de-minas>
- **Joelza Ester Domingues. As “capitoas” do Brasil colônia: mulheres no comando de capitânias. Ensinar História Joelza, 2021.**
Conheça mais sobre as mulheres da elite colonial que não apenas eram donas de engenho, mas também comandantes de capitânias. Em alguns casos elas exerceram liderança e tomaram decisões político-administrativas desses territórios. A história oficial, no entanto, consagrou o nome de seus maridos. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/capitoas-do-brasil-mulheres-no-comando-de-capitanias/>.
- **Joelza Ester Domingues. A educação da mulher no Brasil colonial. Ensinar História Joelza, 2021.**
Nesse texto é possível aprofundar-se no tema da educação das mulheres na colônia, desde a mulher indígena até as escravizadas, para compreender melhor como se deu o processo de inclusão feminina nesse campo. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/educacao-da-mulher-no-brasil-colonial/>.

Filmes, Documentários e Vídeos

- **Juana Ines. Direção: Patricia Arriaga Jordán, Emilio Maillé e Julián de Tavira, 2016, colorido.**
Série mexicana que trata da história de Soror Juana Ines de la Cruz, em sete episódios.
- **Mulheres na História #27: Tereza de Benguela, uma rainha negra no Mato Grosso. Canal História e Tu, 2020.**
Vídeo aborda resumidamente a história de Tereza de Benguela, estudada na última atividade dessa unidade. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ne00NJ_fdog.
- **Mulheres Negras Fenomenais no Período da Escravidão. Canal Free Winnie, 2019.**
Vídeo que apresenta diversas mulheres negras do período da escravidão no Brasil e que ainda são pouco conhecidas da sociedade brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJYBuQd1liM>.



Caderno da Cidade

Saberes e Aprendizagens

HISTÓRIA

**7º
ANO**

2ª edição | revisada e atualizada

ENSINO FUNDAMENTAL



CURRÍCULO
da CIDADE

SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
**SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO**

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Ricardo Nunes

Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Samuel Ralize de Godoy

Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

*Chefe da Assessoria de Articulação
das Diretorias Regionais de Educação – DREs*

PROJETO GRÁFICO

Centro de Multimeios - CM

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação e Arte

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Julia Gonçalves Rizzo - *estagiária*

Marcos Roberto da Silva Moreira

Raquel Nogueira Janoni - *estagiária*

Simone Porfirio Mascarenhas

